

UFRRJ
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO

POR UMA GEOGRAFIA ESCOTEIRA:

**Uma análise da interação da geografia e do movimento escoteiro no
espaço geográfico**

RAYANE DA CRUZ DE ALVARENGA

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

POR UMA GEOGRAFIA ESCOTEIRA:

**Uma análise da interação da geografia e do movimento escoteiro no
espaço geográfico**

RAYANE DA CRUZ DE ALVARENGA

Sob a Orientação do Professor
Clézio dos Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Geografia**, no Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ, Área de Concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

Nova Iguaçu – RJ

Junho de 2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AA473u

Alvarenga, Rayane da Cruz de, 1993-
Por uma geografia escoteira: uma análise da
interação da geografia e do movimento escoteiro no
espaço geográfico / Rayane da Cruz de Alvarenga. - Rio
de Janeiro, 2022.
56 f.: il.

Orientador: Clezio dos Santos.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Geografia, 2022.

1. Ensino de geografia. 2. Educação não formal. 3.
Escotismo. 4. Movimento escoteiro. I. Santos, Clezio
dos, 1973-, orient. II Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Geografia
III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 31/2022 - PPGGEO (12.28.01.00.00.35)

Nº do Protocolo: 23083.040126/2022-63

Seropédica-RJ, 30 de junho de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

RAYANE DA CRUZ DE ALVARENGA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 24/06/2022

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG-UFRRJ, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e, neste caso, a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Identificar membros da banca:

Clézio dos Santos. (Dr.) UFRRJ
(Orientador[a], presidente da banca)

André Santos da Rocha. (Dr.). UFRRJ
(membro da banca)

Adriana Carvalho Silva. (Dr.). UFRRJ
(membro da banca)

Renata Barrocas. (Dr.). UNIMES
(membro da banca)

(Assinado digitalmente em 10/07/2022 21:00)
ADRIANA CARVALHO SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matricula: 1697105

(Assinado digitalmente em 04/07/2022 16:08)
ANDRE SANTOS DA ROCHA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOA (11.39.39)
Matricula: 1832629

(Assinado digitalmente em 30/06/2022 11:32)
CLEZIO DOS SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matricula: 1958337

(Assinado digitalmente em 04/07/2022 08:44)
RENATA BARROCAS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 192.044.158-19

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a Deus por ter me dado forças para continuar, apesar de todos os dias eu dizer “não aguento mais”. E a Nossa Senhora das Graças por mais uma graça alcançada, mesmo eu não sendo uma filha digna de tantas bênçãos. Sem a minha fé, aliada às orações da minha mãe, tenho certeza que eu não teria chegado até metade do caminho.

Agradeço a minha mãe, Rosa, por todo apoio que me deu e por ter aguentado meus momentos de surtos. Vivemos tantas emoções nesses últimos meses que essa pesquisa realmente pode ser chamada de vitória. Mesmo me criando sozinha, nunca desistiu de mim e sempre me apoiou em todas as loucuras que eu dava início.

Também agradeço aos meus amigos, pelas conversas de apoio, por cada lágrima e sorriso que vivi com vocês nesses meses de escrita. Me desculpem pelas ausências em diversos momentos, mas saibam que parte desse trabalho foi feito graças ao suporte que vocês me deram.

Ao meu orientador, prof. Dr. Clézio dos Santos, por todos os momentos de orientação na escrita, por entender que eu estava em um momento complicado, mas mesmo assim me ajudou da melhor forma, com paciência e bom humor.

Aos coordenadores e professores do Centro Cultural Pedro II por me ajudarem com o desenvolvimento deste trabalho e aos alunos por terem participado dessas loucuras que eu criava durante as aulas.

Aos membros de chefia e chefes de seção dos Grupos Escoteiros do Distrito Oeste - RJ. Apesar de tudo ter sido de forma remota, vocês contribuíram bastante com boa parte desse trabalho.

Aos alunos e professores do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Vivemos momentos muito atípicos e mudanças bem significativas em nossas pesquisas, mas continuamos persistindo e chegamos ao fim dessa longa caminhada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

“O melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir
para a felicidade dos outros.”

Baden Powell

Fundador do movimento escoteiro

RESUMO

ALVARENGA, Rayane da Cruz de. **Por uma geografia escoteira: uma análise da interação da geografia e do movimento escoteiro no espaço geográfico**. 2022. 56p Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto Multidisciplinar, Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2022.

O Movimento Escoteiro traz em si a essência de formar cidadãos comprometidos com a sociedade em que estão inseridos. Sua proposta educacional está em constante transformação da mesma forma em quem que o espaço e a ciência geográfica se modificam. Partindo das ideias desenvolvidas pelo Movimento Escoteiro, a presente pesquisa tem por objetivo principal entender a participação da geografia no Movimento Escoteiro e em como isso influencia na sua relação com o espaço geográfico. Como metodologia utiliza o estudo bibliográfico como instrumento para descrever a história do escotismo, desde sua idealização por Baden-Powell, em 1907, sua chegada ao Brasil, em 1910, e sua ação no espaço vivido e no ensino geografia, partindo das experiências do escotismo com os jogos e a prática mateira. Como marco inicial é realizado um histórico do Movimento Escoteiro e do ensino de geografia como uma ciência escolar, utilizando como base as propostas do ensino formal, do não formal no escoteiro, bem como, as propostas interdisciplinares que buscam aliar temas em comuns da disciplina escolar geografia. Com base na análise dos questionários com chefes escoteiros em busca de perceber a vivência geográfica em seus grupos escoteiros entendemos como é percebido o espaço geográfico durante as atividades mateiras. Trabalhamos também a prática da geografia em sala, com jogos escoteiros adaptados, e observamos como as atividades escoteiras podem ser introduzidas e praticadas no ambiente escolar. Foi possível observar que as concepções espaciais presentes nas especialidades escoteiras, por meio dos jogos lúdicos feitos em ambiente escolar, são capazes de levar o jovem a compreender o espaço em que vive. Pode ser percebido que o aprender-fazendo e o lúdico escoteiro são possibilidades de aprendizado na prática do ensino de geografia.

Palavras-chave: Ensino de geografia; educação não formal; escotismo.

ABSTRACT

ALVARENGA, Rayane da Cruz de. **For a Scout geography: an analysis of the interaction of geography and scout movement in geographical space**. 2022. 56p Dissertation (Master Science in Geography). Instituto Multidisciplinar, Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2022.

The Scout Movement brings the essence of creating citizens committed to the society they are in. Their educational proposal is in constant transformation the same as the geographical science and space are modified. Based on the ideas developed by the movement, this research mainly aims to understand how geography is integrated in the scout movement and how it influences its relationship with the geographic space. The methodology utilized is a bibliographic study as a tool to describe the history of scouting, since its conception by Baden-Powell in 1907, its arrival in Brazil in 1910 and its activity in the lived space and geography teaching - from the experience of scouting with the games and wood scout practice. Initially, historic researches of the scout movement and the teaching of geography as a school science were made, using the proposals of formal school teaching, informal teaching of the scouts and also interdisciplinary propositions that aim to ally common themes of geography. Based on the analysis of the questionnaires made with scout chiefs in order to realize the geographic experience in their scout groups. With this, it is understood how the geographic space is comprehended during wood scout routines. Practice in geography in classrooms with adapted scout games were also made, and we observed how the scout activities can be introduced and practiced in a school environment. It was possible to notice that spacial conceptions present in scout specialties, through ludic games in a school environment, are capable of making the youth understand the space they live in. It can be perceived that the learning-by-doing and the ludic methods are viable possibilities of practical learning of geography teaching.

Key-words: Geography Teaching; Informal Education; Scouting.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – lista de atividades da especialidade de geografia.....	11
Quadro 2 – lista de atividades da especialidade de cartografia.....	12
Quadro 3: Habilidade de Geografia par o 6 Ano do Ens. Fund. II.....	25
Quadro 4. Habilidade de Geografia par o 7 Ano do Ens. Fund. II.....	26
Quadro 5: Habilidade de Geografia par o 8 Ano do Ens. Fund. II.....	27
Quadro 6: Habilidade de Geografia par o 9º Ano do Ens. Fund. II.....	28
Quadro 7: Atividade do chá literário.....	37
Quadro 8: Atividade <i>Kahoot!</i>	40
Quadro 9: Atividade campo minado.....	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distintivos de especialidade de geografia e cartografia.....	13
Figura 2 – Distritos Escoteiros da cidade do Rio de Janeiro.....	14
Figura 3 – Pergunta sobre a função dentro do Grupo Escoteiro.....	18
Figura 4 - Pergunta sobre atuação na área da educação.....	19
Figura 5 - Informações sobre a graduação do representante do GE.....	19
Figura 6 - Porcentagem das perguntas sobre a percepção da geografia nas práticas escoteiras e da relação dos participantes com os espaço geográfico.....	20
Figura 7 – Porcentagem sobre a conquista da especialidade de geografia por algum participante do GE.....	21
Figura 8 – Distintivos de progressão Pista, Trilha, Rumo e Travessia.....	23
Figura 9 – Símbolo da Educação Escoteira 2021.....	34
Figura 10: Faixada do Centro Cultura Pedro II – Unidade Santíssimo.....	35
Figura 11. Localização da Centro Cultural Pedro II no bairro do Santíssimo no Rio de Janeiro/RJ.....	35
Figura 12. Entrada principal e faixa da do Centro Cultura Pedro II – Unidade Estrada do Pré no Rio de Janeiro/RJ.....	36
Figura 13. Localização da Centro Cultural Pedro II no bairro de Senador Vasconcelos no Rio de Janeiro/RJ.....	36
Figura 14: Textos de cordel elaborados pelos alunos e alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental do Centro Cultura Pedro II.....	38

Figura 15: Xilogravuras elaboradas pelos alunos em homenagem a José Borges, artista homenageado no I Chá Literário.....	39
Figura 16. Página inicial da plataforma <i>Kahoot!</i>	40
Figura 17. Imagens da aplicação do jogo interativo na plataforma <i>Kahoot!</i> com a turma no 9º ano.....	41
Figura 18. Imagens da aplicação do jogo “campo minado” com a turma do 7º ano.....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Levantamento de dados na plataforma Periódicos CAPES entre os anos de 2015-2020.....	16
Tabela 2: Levantamento de dados na plataforma da União dos Escoteiros do Brasil (UEB).....	16
Tabela 3: Levantamento de dados na plataforma Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os anos de 2015-2020.....	17

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BP	Baden-Powell
GE	Grupo Escoteiro
GEAr	Grupo Escoteiro do Ar
GEMar	Grupo Escoteiro do Mar
OMME	Organização Mundial do Movimento Escoteiro
PPGGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
POR	Princípios, Organizações e Regras
UEB	União dos Escoteiros do Brasil
RJ	Estado do Rio de Janeiro
WOSM	<i>World Organization of the Scout Movement</i>
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	6
1. PARA ENTENDER O ESCOTISMO E A GEOGRAFIA ESCOTEIRA.....	7
1.1 – As origens do Movimento Escoteiro na Inglaterra e no Brasil	7
1.2 – A religião no Movimento Escoteiro	10
1.3 – Distintivo de especialidades: a geografia no Movimento Escoteiro	10
1.4 – Conhecendo os Grupos Escoteiros do Distrito Oeste 1 e suas modalidades escoteiras de atuação.....	14
1.5 – Estado da arte: o caminho percorrido na bibliografia escoteira	15
1.6 – À caminho de uma geografia escoteira	17
CAPÍTULO II.....	22
2. PRÁTICAS EDUCACIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O ENSINO NÃO FORMAL E O ESCOTISMO	23
2.1 – A geografia escolar no estado do Rio de Janeiro	24
2.2. Ações educacionais: o ensino não formal e sua relação com a metodologia escoteira..	29
2.3. Vivências e Práticas Educacionais em Geografia no Centro Cultural Pedro II nos bairros do Santíssimo e de Senador Vasconcelos na Zona Oeste do Rio de Janeiro/RJ.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	49
Anexo A – Mapa da localização das unidades escolares da pesquisa nos dois Distritos Escoteiros da Cidade do Rio de Janeiro	49
Anexo B – Mapa do Zoneamento da cidade do Rio de Janeiro.....	50
Anexo C – Perguntas aplicadas aos chefes de Seção.....	51
Anexo D – Catálogo das pesquisas analisadas nas plataformas CAPES, BDTD e UEB.	52

INTRODUÇÃO

O estudo em andamento faz parte das pesquisas vinculadas à linha “Território, meio ambiente e ensino de geografia – subárea ensino de geografia”, do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. As pesquisas relacionadas à linha propõem uma construção de propostas metodológicas que possam contribuir para o processo de ensino aprendizagem.

A busca por novas formas de ensinar de forma interdisciplinar é uma preocupação constante entre os professores. Nesse ponto, faz-se necessário a descoberta de novos métodos que possam ser aplicados em sala de aula, principalmente as que possam trazer ligações com a educação não formal.

Por ter ciência de que a educação não acontece somente em ambientes formais, como as instituições escolares, existem diversas organizações que ofertam atividades educacionais com o objetivo de contribuir para a formação de crianças e jovens atuantes no espaço em que vivem. O Movimento Escoteiro traz em seus jogos e atividades semanais a interdisciplinaridade que tanto é praticada nos ambientes formais de educação.

Sempre tive muito interesse na área da educação, desde que concluí o ensino médio na modalidade normal no Instituto de Educação Sarah Kubitschek, em 2011. Quando iniciei meus estudos na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 2012, eu pensei em começar a pôr em prática minhas ideias relacionadas na área da educação. Contudo, como fui bolsista em um projeto mais voltado para a área do bacharelado, tive que adiar meus planos para a pós-graduação.

O interesse em pesquisar o Movimento Escoteiro surgiu no final da graduação, após um convite para participar da fundação do 136º Grupo Escoteiro Picinguaba, localizado no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro. Mesmo não possuindo nenhuma experiência ou conhecimento sobre o movimento, o desafio de aprender e iniciar algo novo foi mais intenso e me arrisquei nessa nova aventura. Como diz a expressão popular “cair de paraquedas”, iniciar a participação em um Grupo Escoteiro foi algo muito desafiador, ainda mais em um grupo que estaria sendo fundado por pessoas que também não possuíam nenhum envolvimento com o movimento. Tudo era novo para todos nós, tanto para os chefes que iriam ficar à frente das seções, quanto para os membros da diretoria.

Os cursos de formação ofertados pela União dos Escoteiros do Brasil possibilitaram o entendimento da prática escoteira e perceber que há muito mais do ensino de geografia do que é conhecido pelo senso comum. E, durante uma atividade realizada com a Tropa Escoteira, juntamente com o Ramo lobinho, foi possível identificar a possibilidade do uso da metodologia escoteira como uma ferramenta no ensino de geografia.

Desde então, busco aplicar meus conhecimentos geográficos, tanto de ensino como ambientais, em prol do crescimento e conquista de especialidades científicas dos Lobinhos e Escoteiros do Grupo, além de observar as interações existentes do Movimento Escoteiro com o espaço geográfico, principalmente o espaço em torno da sede de atividades.

Partindo das ideias propostas do Movimento Escoteiro e do interesse pelo ensino de geografia, foi levantada a hipótese da utilização da metodologia escoteira como uma ferramenta na prática escolar da geografia, da influência da geografia no Movimento Escoteiro e a ação de ambas no espaço geográfico, trazendo um diálogo de experiências pedagógicas formais e não formais.

É importante a descoberta de aprendizagens que possam ser ferramentas práticas para o ensino de geografia. E, partindo desse pressuposto, o estudo em questão se baseia no objetivo de buscar entender a relação do método escoteiro com a geografia e a sua relação com o espaço geográfico e da observação da prática geográfica dentro das atividades escoteiras.

Partindo da ideia de desenvolvimento das crianças e jovens, o presente estudo parte do histórico do movimento escoteiro, criado por Robert Baden-Powell na Inglaterra e a maneira que chegou ao Brasil. Tendo como base o histórico do movimento, apresentar as diferentes formas de ações educativas, em especial, a educação não-formal na qual o escotismo está inserido e como suas atividades podem ser utilizadas como ferramenta no ensino de geografia da educação básica, apresentando como forma de análise um estudo bibliográfico, afim de observar as mudanças do escotismo no Brasil e sua prática nos Grupos Escoteiros do município do Rio de Janeiro.

Para compreender os diferentes comportamentos dentro dos grupos de alunos que realizaram as atividades durante o período de observação, a utilização de um viés qualitativo se faz necessário, a fim de explorar todos os possíveis resultados dos agentes envolvidos. A junção da pesquisa qualitativa com a fenomenologia permite uma análise com base na experiência e vivências com os grupos sociais estudados.

Para Minayo (2012, p. 623), toda a vivência do entrevistado é uma possibilidade de interpretação, sendo o pesquisador o responsável de detalhar e definir as compreensões que possam dar um sentido à sua pesquisa.

A proposta inicial da pesquisa foi formada com o objetivo de utilizar o método fenomenológico para a análise, pois a fenomenologia traz em seus estudos a prática e a experiência no espaço vivido como metodologia. Entretanto, foi necessário questionar alguns pontos da metodologia escolhida, que levou a alteração da proposta inicial.

Suertegaray (2005), diz que o método fenomenológico consiste na descrição do fenômeno da experiência. Para isso, usa fontes e instrumentos teóricos e técnicos com base no espaço, considerado aquele que é vivido; na paisagem, como uma superfície limitante do espaço; e no lugar, como centro de significados e experiências com o mundo.

Outro ponto importante para a modificação da metodologia foi a pandemia do coronavírus (COVID-19). Por ser uma proposta que visa a observação na prática, as visitas aos Grupos Escoteiros escolhidos foi inviável, já que as atividades, em sua maioria, foram realizadas de forma virtual. Com isso, a alteração da metodologia foi inevitável, pois a manutenção da escolha poderia prejudicar a conclusão dos estudos.

Com bases nessas informações, o presente trabalho tem um caráter descritivo, tendo a análise de como o escotismo é estruturado e seu funcionamento na teoria e na prática, por meio das observações levantadas durante o estudo bibliográfico e de questionários que visem auxiliar na conclusão dos objetivos. Ludwig (2003, p. 265) afirma que “a imersão no objeto da investigação decorrente da vivência cotidiana, o aprofundamento do estudo relativo a uma certa temática e o diálogo mantido com pessoas experientes ou especialistas no assunto são as condições facilitadoras mais destacadas da sua formulação”.

Com a quarentena imposta pela pandemia do Coronavírus, essas observações estão sendo realizadas por meio dos formulários elaborados via Google Docs.

O objetivo dos questionários é sistematizar as respostas em categorias em que possa ser possível analisar a ligação dos conteúdos de geografia com as atividades escoteiras como, também, observar como os chefes escoteiros trabalham a questão do espaço geográfico durante as reuniões semanais nas sedes dos grupos.

Apesar de seguir as mesmas normas descritas no POR (Programa, Orientações e Regras) da União dos Escoteiros do Brasil, os grupos possuem suas próprias particularidades. No Estado do Rio de Janeiro, a União dos Escoteiros do Brasil divide os Grupos Escoteiros em 16 Distritos, sendo o município do Rio de Janeiro subdividido em 7 distritos. Para a pesquisa, um recorte foi

necessário para aprofundar e observar melhor os resultados. A Zona Oeste do município do Rio de Janeiro conta com dois distritos: o Distrito Zona Oeste 1 e o Distrito Zona Oeste 2. O distrito que está sendo observado é o Zona Oeste 1, que abrange os seguintes Grupos Escoteiros: 42 RJ GE Monte do Santíssimo, 59 RJ GE Atalaia, 138 RJ GE do Mar Almirante Augusto Rademaker e 145 RJ GE do Mar Gelmirez de Mello (desativado durante a pandemia do Coronavírus). Esses Grupos Escoteiros abrangem os bairros de Guaratiba, Campo Grande, Santíssimo e Sepetiba. É importante salientar que os Grupos Escoteiros são conhecidos pelos seus numerais que antecedem seus nomes.

Em busca de pesquisas relacionadas com o objeto de estudo, fez-se necessário uma elaboração de um “estado da arte”. Por Norma Sandra, essas pesquisas são

Definidas como de caráter bibliográfico e elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002, p. 2).

A elaboração do estado da arte permitiu a separação de pesquisas relevantes e não relevantes ao objeto trabalho e organização dos capítulos do presente estudo. Além disso, foi possível indicar quais trabalhos produzidos seriam essenciais para a escrita de cada capítulo.

A estrutura deste trabalho consiste em uma introdução, onde são levantadas as informações gerais do que poderá ser visto no decorrer do trabalho, como a metodologia, o processo de escrita, além da justificativa e objetivos geral e específicos.

Em relação a divisão dos capítulos, tem-se o planejamento de escrita de dois capítulos, além das considerações finais. No capítulo de abertura, é descrito um histórico do Movimento Escoteiro, criado por Baden Powell, desde a sua ideia de criação até a fundação da União dos Escoteiros do Brasil, a metodologia escoteira, conhecida como “aprender fazendo”, os distintivos de especialidade escoteira de geografia e cartografia, a Lei e Promessa Escoteira, um pouco da história de fundação dos Grupos Escoteiros do Distrito Zona Oeste 1, além de trazer dados sobre os estudos obtidos por meio do estado da arte elaborado no início da pesquisa e as observações feitas com a aplicação dos questionários com os chefes de seção dos grupos escoteiros.

O capítulo seguinte já traz um breve histórico da geografia escolar, com um enfoque no currículo de geografia do Rio de Janeiro; as ações educacionais existentes, principalmente no que tange o ensino formal e não formal, levando em consideração o Movimento Escoteiro com um exemplo de ensino não formal.

Ainda no segundo capítulo, poderão ser encontradas informações sobre unidades escolares onde foram realizadas práticas educacionais que envolviam jogos escoteiros adaptados à estrutura da escola e a realidade da pandemia da COVID-19, além de atividades interdisciplinares que envolvessem as disciplinas de artes, língua portuguesa e teatro.

Por fim, nas considerações finais, se encontram as reflexões sobre o trabalho proposto, por meio dos resultados obtidos pela visão da pesquisadora como chefe escoteira e como educadora.

CAPÍTULO I

1. PARA ENTENDER O ESCOTISMO E A GEOGRAFIA ESCOTEIRA

O final de semana chegou. O uniforme e o lenço escoteiros estão prontos para serem usados em mais uma reunião semanal na sede. O chefe prepara as atividades do dia. Lobinhos, escoteiros, sênior e guias, preocupados com o meio ambiente e com o próximo, realizam atividades cujas propostas são voltadas para formar jovens interessados em construir um mundo mais justo e melhor. A reunião semanal termina, mas a vontade de fazer a diferença continua.

O Movimento Escoteiro é voltado para jovens e adultos que tenham o objetivo de fazer a diferença no lugar em que vivem. É um movimento que possui atividades voltadas para o desenvolvimento de crianças e jovens, por meio de tarefas evolutivas e prazerosas.

Partindo do que foi apresentado brevemente no início, neste capítulo será apresentado a história do Movimento Escoteiro, levando em consideração os ideais propostos por seu fundador e suas motivações para a criação da metodologia “aprender fazendo”. Ainda no capítulo 1, será apresentado como o escotismo chegou ao Brasil e o motivo que levou a popularidade dessa forma diferente de ensinar por meio de jogos e atividades mateiras, além de trazer um pouco da história dos Grupos Escoteiros utilizados no estudo.

1.1 – As origens do Movimento Escoteiro na Inglaterra e no Brasil

O escotismo é um movimento educacional criado por Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, mais conhecido como B.P., um pouco antes da metade do século XX. “O termo escotismo presentemente significa um sistema de preparação de cidadãos, através de jogos, tanto para rapazes como para moças” (BADEN-POWELL, 1948/2017). Ao elaborar o livro “*Aids to scouting*” (Ajudas à exploração, em uma tradução livre), BP tinha o objetivo de auxiliar atividades exploratórias para adultos. Porém, sua escrita estava sendo utilizada em escola para meninos e trazendo bons resultados na educação dos mais jovens. Como isso, aproveitando o interesse com as práticas ensinadas em seu livro, B.P. organizou o primeiro acampamento, nos anos de 1907, na Ilha de Brownsea (Inglaterra). E assim nasce o escotismo.

Para Baden-Powell, não era preciso trazer a rigidez do militarismo. O mais importante era criar um movimento educacional onde a coragem, autodisciplina e a camaradagem fossem desenvolvidas com base no que ficaria conhecido como metodologia escoteira, o aprender fazendo. Para Silva Junior e Borges (2014), “O Movimento criado por B.P. fez severas críticas à educação escolar inglesa. O Escotismo, portanto, apresentava-se como uma pedagogia não escolar ou, pelo menos, em combate ao modelo educativo vigente na época”.

Em 1907 B.P. realizou um acampamento experimental na ilha de Brownsea, com 20 jovens entre 12 e 16 anos, de todas as classes sociais, no qual ensinou técnicas como primeiros socorros, observação, segurança, orientação, entre vários outros componentes. Nesse acampamento BP observou o quão bem sucedido eram os métodos propostos quando aplicados a jovens que resolveu escrever tudo o que tinha ensinado à volta do ‘Fogo de Conselho’ e assim nasceu o ‘Escotismo para Rapazes’, publicado em 1908 e vendido em bancas de jornal (PAOLILLO e IMBERNON, 2016, p.95 apud FERREIRA e SOARES, 2016, p. 95)

Ao elaborar as atividades exploratórias que, mais tarde, ficariam conhecidas como metodologia escoteira, B.P. não pretendia menosprezar a importância do ensino fornecido pelas escolas. Ele valorizava a importância do conhecimento adquirido no ambiente escolar. Contudo, por meio da convivência com outros jovens com a mesma faixa etária e jogos participativos, poderiam servir como um complemento à educação ofertada nas escolas inglesas.

Tendo a geografia do início do século XX voltada para a estratégia militar, pode-se dizer que o movimento escoteiro tem bases geográficas, já que o mesmo foi criado como forma de explorar o espaço geográfico. Yves Lacoste, em sua famosa obra intitulada *A geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra* (1976), informa que a geografia do final do século XIX e início do século XX estava mais próxima dos interesses militares e, conseqüentemente, do escotismo ao dizer que

Pode-se pensar que essa orientação prática do ensino da geografia é perfeitamente ilusória e que ela não poderia ter interessado ninguém no fim do século XIX é, no entanto, a geografia que esteve mais próxima daquela dos oficiais e é esse tipo de formação que, em grande parte, explica o sucesso do escotismo nas classes dirigentes. Este saber agir sobre o terreno (saber ler uma carta, saber seguir uma pista ...), o escotismo, cujo interesse político e militar é explicitamente assinalado, foi reservado aos jovens das classes dirigentes, sobretudo nos países anglo-saxões (o verbo *to scout*: ir em reconhecimento) (LACOSTE, 1976, p.18).

Por Yves Lacoste, o sucesso do escotismo está ligado ao saber ler um mapa e seguir uma pista, itens necessários na progressão escoteira. É importante salientar que o escotismo, de início, tinha um caráter político e militar, mesmo não tendo a mesma rigidez.

Da mesma forma que Lacoste queria mostrar que o papel da geografia ia além de fazer guerra, BP pretendia mostrar que as atividades escoteiras poderiam ser uma ferramenta para o jovem aprender um pouco sobre si mesmo e utilizar essa experiência em prol de si e no serviço ao próximo, seguindo a Promessa e os artigos da Lei Escoteira.

A Promessa Escoteira, disponibilizada em texto oficial pela União dos Escoteiros do Brasil, diz que ao adentrar no movimento, o jovem precisa prometer as seguintes ações:

“Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para:
Cumprir meus deveres para com Deus e minha Pátria;
Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião;
Obedecer à Lei Escoteira”.

A Lei em questão possui dez artigos e, tanto a Lei como a Promessa, possuem detalhes explicados por BP em seu manual “Escotismo para Rapazes” (*Scouting for Boys*, no texto original, publicado primeiramente em 1908). Pela Lei, o escoteiro precisa

- Ter uma só palavra e sua honra vale mais que sua própria vida;
- Ser leal;
- Estar sempre alerta para ajudar o próximo e praticar diariamente uma boa ação;

- Ser amigo de todos e irmãos dos demais escoteiros;
- Ser cortês;
- Ser bom para os animais e as plantas;
- Ser obediente e disciplinado;
- Ser alegre e sorrir nas dificuldades;
- Ser econômico e respeitar o bem alheio; e, por fim,
- Ser limpo de corpo e alma.

A aplicação do Escotismo, ou seja, o Método Escoteiro, se dá pelo conjunto de cinco pontos, que aplicado de forma planejada, trilham os caminhos das crianças e dos jovens durante sua passagem pelo Escotismo. São eles: a) Aceitação da Promessa e da Lei Escoteira b) Aprender fazendo c) Vida em equipe d) Atividades progressivas, atraentes e variadas. e) Desenvolvimento pessoal com orientação individual. (THOMÉ, 2006 apud SOARES e OLIVEIRA, p. 2, 2016)

Pelo mundo, o escotismo é representado pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro (OMME) ou *World Organization of the Scout Movement* (WOSM), tendo suas ações postas em prática por intermédio das Organizações Escoteiras Nacionais, como a existente no Brasil, a União dos Escoteiros do Brasil.

No Brasil, as primeiras notícias relacionadas ao escotismo estão relacionadas aos militares que retornaram de suas atividades e trouxeram consigo uniformes escoteiros em suas malas, no ano de 1910. De acordo com o Manual Escotistas em Ação – Ramo Escoteiro (2016, p. 16), em 1914, foi fundada a primeira associação relacionada ao escotismo, a ABE (Associação Brasileira de Escoteiros).

Atualmente, a prática escoteira no Brasil é reconhecida oficialmente pelo Decreto-Lei nº 8.828, de 24 de janeiro de 1946, que dispõe sobre o reconhecimento da União dos Escoteiros do Brasil como instituição destinada a educação extraescolar, como órgão máximo de escotismo brasileiro (BRASIL, 1946).

1.2 – A religião no Movimento Escoteiro

Anos se passaram desde a criação do escotismo por BP, mas suas tradições ainda são mantidas na prática semanais, para que a sua história não se perca.

A autonomia dos Grupos Escoteiros levou à algumas adaptações na prática, mas não retirou a sua essência. E uma delas está ligada a religião, item este falado na Promessa Escoteira ao abordar “cumprir meus deveres para com Deus e minha Pátria”.

É sabido que as crenças religiosas não se resumem às religiões cristãs, então, como fazer uma promessa a algo que não está ligado a sua prática religiosa? Para muitos, esse é o questionamento que vem à tona. Crianças e jovens que não seguem o Cristianismo não podem participar do Movimento Escoteiro?

Em países como o Brasil, onde o Cristianismo é a “religião dominante”, os embates relacionados à Promessa Escoteira atinge uma pequena parte dos membros do movimento. Contudo, ainda sim é importante discutir por esses poucos, pois traz a ideia de que a promessa não é totalmente cumprida por eles.

No país de origem do Movimento Escoteiro, é possível escolher qual promessa será feita na cerimônia: a original, criada por BP, e uma em que não há o trecho “deveres para com Deus”.

Neste ponto que é importante levantar a questão da espiritualidade, esta não estando ligada a nenhuma religião em específico, mas sim a relação do indivíduo com o outro, com o ambiente em que vive e consigo.

Mancini (2020), relata que

É muito importante saber que espiritualidade e religião não estão, necessariamente, ligadas. Espiritualidade tem a ver com o propósito e sentido que a pessoa encontra para a sua vida. Algumas encontram essa conexão com a religião, ou com o divino. Enquanto outras, podem achar com elas mesmas, na convivência com pessoas queridas, arte, natureza etc. Isso vai variar de acordo com a crença e os valores de cada um.

Trazer esse significado à espiritualidade contribui para que não ocorra uma falta de sinceridade ao realizar a Promessa Escoteira. Ainda que o “Deus” da promessa seja ainda esteja ligado à religião, é uma forma de trazer uma veracidade maior durante o ato maior da cerimônia de Promessa Escoteira.

1.3 – Distintivo de especialidades: a geografia no Movimento Escoteiro

Dentro do método escoteiro, existe um conjunto de fatores que se completam e atuam em conjunto para a formação do jovem dentro do movimento. A vivência da Promessa e da Lei Escoteira são itens importantes. Porém, as insígnias de interesse especial (Insígnia Mundial de Meio Ambiente, Insígnia do Cone Sul, Insígnia da Lusofonia, Insígnia da Ação Comunitária e a Insígnia do Aprender), os distintivos de progressão e especialidades são exemplos de etapas vividas dentro do movimento e do caminho de progressão.

Dentro do caminho de progressão, há a possibilidade de conquistas das chamadas especialidades, como citado acima. “Uma especialidade é um conhecimento ou uma habilidade particular que se possui sobre um determinado tema” (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2016). As especialidades não tornam os jovens “especialistas”. Contudo, por serem tarefas realizadas individualmente, elas oferecem a oportunidade para conhecer diferentes áreas e servir como um

estímulo pessoal para a escolha de uma futura profissão. “Consideramos mais importante que a Seção adquira, aos poucos, um conhecimento mútuo do que sejam estas ‘melhores práticas’, buscando sempre aprender e questionar o que é divulgado na escola e na mídia” (MARQUES, p.63, 2017).

As especialidades são divididas em 5 (cinco) ramos de conhecimento, são eles: ciência e tecnologia (atividades ligadas a natureza científica e tecnológica), cultura (manifestações artísticas ou atividades ligadas a cultura), desportos (atividades físicas ligadas à saúde e qualidade de vida), serviços (atividades de prestação de serviços, incluindo saúde, religião e outras formas de servir) e habilidades escoteiras (atividades de vida ao ar livre).

A especialidade de geografia se encontra no ramo de ciência e tecnologia e cartografia no ramo de serviços. Ambas possuem 12 (doze) atividades que, de acordo com o nível desejado, precisam ser cumpridas e avaliadas pelo chefe de seção e ou examinador escolhido pelo jovem. Caso o jovem deseje alcançar o nível, necessário que cumpra 4 (quatro) atividades; caso deseje alcançar o nível 2, é preciso que cumpra 8 (tarefas); e, caso almeje alcançar o nível 3, é preciso completar todas as atividades.

Quadro 1 – lista de atividades da especialidade de geografia. (...)

1. Relatar para o examinador o conceito de geografia, como surgiu esta ciência e qual é a sua importância.
2. Construir e apresentar em sua seção uma maquete representando, no mínimo, três acidentes geográficos, explicando suas características.
3. Saber diferenciar América Latina, América do Sul, Continente Americano e Cone Sul.
4. Conceituar cartografia e ler uma carta geográfica (mapa-múndi), identificando e explicando as cores hipsográficas e batimétricas, escalas, latitudes e longitudes.
5. Apresentar à seção um trabalho a respeito de alguma zona de conflito atual, ressaltando a história do conflito em questão, suas causas e suas consequências para a população local e global.
6. Identificar pelo menos 5 (cinco) locais de extrativismo de diferentes minerais no Brasil, explicando a importância dos materiais extraídos para a atividade humana.
7. Elaborar e apresentar em sua seção um estudo sobre a importância dos oceanos, considerando os aspectos econômicos e a influência causada no clima.
8. Realizar e apresentar em sua seção uma pesquisa ilustrada reunindo indicadores econômicos, sociais e demográficos atualizados do Brasil e do seu estado.
9. Elaborar e apresentar em sua seção um estudo sobre os diversos tipos de poluição do planeta, identificando suas consequências e o que se pode fazer para minimizá-la.

10. Elaborar e apresentar em sua seção um trabalho ilustrado sobre as diferentes formas de energia disponíveis no mundo natural (eólica, hidráulica, solar, térmica).

11. Identificar, caracterizar e ilustrar os fenômenos naturais causadores de grandes desastres.

12. Possuir o nível 2 em uma das seguintes especialidades: meteorologia, mineralogia, topografia, oceanologia, energia, cartografia, ciências da terra, comércio exterior, defesa nacional, geologia, GPS ou astronomia.

Organização: elaboração própria (2021)

Quadro 2 – lista de atividades da especialidade de cartografia. (...)

1. Ler uma carta topográfica, náutica ou aeronáutica.

2. Orientar uma carta pela bússola e pelo terreno.

3. Trabalhar com escalímetro, curvímetro, cordão, transferidor, réguas paralelas, rosados-ventos, desvios magnéticos e de agulha bem como outros instrumentos.

4. Localizar a posição de 1 (um) ponto no terreno, assinalando em uma carta, utilizando 1 (um) GPS (Global Positioning System/ Sistema de Posicionamento Global).

5. Visitar alguma instituição ou empresa que realize trabalhos de levantamentos topográficos, hidrográficos ou aerofotogramétricos.

6. Fazer 1 (um) mapa de 1 (um) percurso à sua escolha, com bússola e caderno de encargos no livro de campo, numa extensão de 3.500 metros, mostrando os principais aspectos do terreno e o que se encontra em ambos os lados da estrada, dentro de distâncias razoáveis, usando a escala de 1:20.000.

7. Demonstrar como funcionam e se representam, em cartas topográficas, náuticas ou aeronáuticas, as curvas de Nível, as linhas isobáricas linhas isogônicas e informações correlatas.

8. Conhecer os sistemas de escalas e medições de distância utilizadas em cartas topográficas, náuticas ou aeronáuticas.

9. Demonstrar que conhece e sabe utilizar as convenções tradicionalmente utilizadas em cartas topográficas, náuticas ou aeronáuticas.

10. Determinar a distância entre 2 (dois) pontos escolhidos pelo examinador em uma carta topográfica, náutica ou aeronáutica, apresentando a resposta em quilômetros, milhas terrestres e milhas náuticas.

11. Identificar os rumos magnéticos necessários para percorrer pelo menos 5 (cinco) pontos não alinhados em uma carta topográfica, náutica ou aeronáutica.

12. Identificar pelo menos 5 (cinco) pontos em uma carta topográfica, náutica ou aeronáutica a partir de coordenadas dadas pelo examinador.

Organização: elaboração própria (2021)

Os distintivos de especialidade de geografia e cartografia podem ser usados na manga direita do uniforme escoteiro e não há diferenças entre os ramos na escolha do tema a ser cumprido. Apenas o nível mais alto da especialidade pode ser colocado no uniforme, sendo os níveis anteriores colocados na manta de Fogo de Conselho.



Figura 1 – Distintivos de especialidade de geografia e cartografia.

Fonte: UEB (2021)

Por Sabota (2014), as especialidades possuem uma característica importante que cabe ser levantada.

De maneira geral, as especialidades escoteiras atendem à seguinte lógica: o nível básico possui a função de apresentar o conteúdo ou a especialidade aos integrantes do grupo que têm interesse. A partir do nível intermediário, o integrante começa a construir seu conhecimento de maneira mais aprofundada, trilhando passos metodológicos baseados na coletividade. Já no nível avançado, o integrante passa a procurar as informações e os conceitos em instituições voltadas para este tipo de formação, ou seja, nos dois níveis anteriores (básico e intermediário), os aprendizes têm contato com o que se deseja aprender, e, para aqueles que tiverem interesse, o nível avançado auxiliará na escolha de sua atuação profissional ou da sua formação continuada. (SABOTA, 2014, p.47).

Como observado no quadro das habilidades referentes à especialidade de geografia, é possível perceber conhecimentos ligados aos conceitos referentes à geografia escolar.

Pode-se avaliar que o escotismo apresenta elementos em seu método de ensino que remetem ao ensino escolar, uma vez que escalona linearmente os níveis de conhecimento entre seus aprendizes. Graças a essa aproximação, é comum ver e identificar nas atividades escoteiras referências teóricas pedagógicas. Tais referenciais são expostos no

movimento a partir da história e contextualização do movimento. (SABOTA, 2014, p.44)

Além da proximidade com o ensino de geografia, é possível perceber, por meio da habilidade número 8, que a especialidade também busca trazer o jovem à realidade de sua região, o que nos leva a observar a relação existente do Movimento Escoteiro com o espaço geográfico e está ligada. Mais relações do Movimento Escoteiro com o ensino de geografia serão vistas ao longo da escrita deste trabalho.

1.4 – Conhecendo os Grupos Escoteiros do Distrito Oeste 1 e suas modalidades escoteiras de atuação

Como já mencionado anteriormente, o Movimento Escoteiro chegou ao Brasil em meados dos anos de 1910. No Rio de Janeiro, um dos grupos escoteiros (GE) mais antigos é o 75º Grupo Escoteiro do Ar Baden Powell, sendo considerado um dos primeiros do país. Sua fundação data dos anos de 1916, quando foi localizada a primeira sede do grupo, no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

Em relação a Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, tem-se 11 Grupos Escoteiros com o registro atualizado no ano corrente de 2021. Os grupos utilizados no presente estudo estão localizados no Distrito Oeste 1 (figura 2).

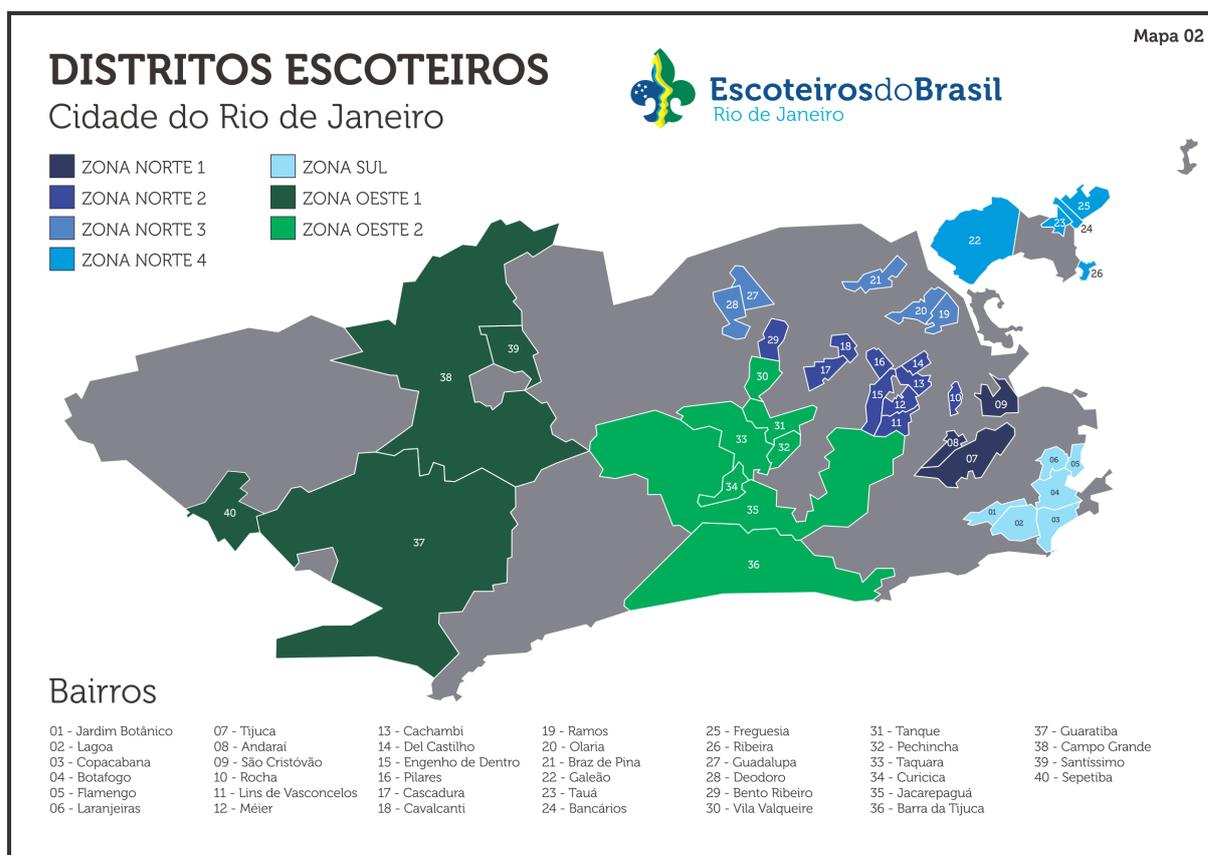


Figura 2 – Distritos Escoteiros da cidade do Rio de Janeiro.
Fonte: UEB (2021)

Devido a pandemia do Coronavírus, as visitas aos grupos não puderam ser colocadas em prática, levando a pesquisa para uma temática mais teórica e com conversas sobre os grupos por ferramentas de videoconferência ou aplicativos de mensagens.

Por ordem de numeral, o primeiro grupo é o 42 RJ GE Monte do Santíssimo. O grupo foi fundado em 1º de setembro de 2007 e encontra-se localizado no bairro de Sepetiba. Esse grupo, por enquanto, é o que menos tem-se informações devido à dificuldade de contato com a diretoria e chefes de seção durante o período da quarentena.

Já o 59 GE Atalaia tem a sua fundação em 22 de julho de 1962. De início, o grupo possuía sede no bairro de Engenho de Dentro e permaneceu até 2010. Desde 2011, a sede do grupo se encontra no bairro de Campo Grande.

O 138 RJ GE do Mar Almirante Augusto Rademaker tem sua sede localizada no bairro de Guaratiba. Tem a sua história ligada a fundação do 145º GE do Mar, o que pode explicar a mesma modalidade seguida por ambos.

E, por fim, tem-se o 145 GE do Mar Gelmirez de Mello, fundado em 23 de outubro de 2018 e com sede no bairro de Sepetiba. É um grupo está inativo devido à pandemia e por falta de recursos para a prática das atividades marinhas na baía de Sepetiba.

Entre os grupos escoteiros é comum a organização em modalidades. Em sua maioria, os grupos são classificados como “modalidade básica”, onde as atividades são, em sua maioria, em terra. Entretanto, tem-se também a modalidade do mar (Grupo Escoteiro do Mar), onde as atividades que predominam são realizadas em ambientes aquáticos, sob orientação da marinharia e a modalidade do ar (Grupo Escoteiro do Ar – GEAr), onde as atividades que predominam são orientadas pela aviação e o ambiente aeronáutico.

Enquanto a modalidade do mar foi inicialmente pensada por BP com a ajuda de seu irmão para que a prática do escotismo em ambientes aquáticos fosse possível, a modalidade do ar tem a sua origem no Brasil. Em 1951, buscando aumentar o interesse dos jovens pela aeronáutica, o ministro da Aeronáutica determinou que todas as unidades da Força Aérea Brasileira dessem suporte aos grupos da modalidade do ar.

De maneira geral é possível perceber que a prática da geografia é vivida no movimento escoteiro, desde suas motivações para sua criação até as atividades dos grupos em suas sedes. A participação mútua dos agentes envolvidos na prática escoteira permite que a aprendizagem efetiva aconteça diante dos desafios propostos e problematizações gerados durante o processo.

1.5 – Estado da arte: o caminho percorrido na bibliografia escoteira

O objetivo de uma pesquisa baseada em um estado da arte é buscar autores que possam unir seus pontos de vista com o estudo em questão. Para Norma Sandra (2002), as pesquisas baseadas em um estado da arte

[...] são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (SANDRA, 2002, p.2)

Nesse ponto, o estado da arte é um caminho que auxilia na busca de diferentes conhecimentos, em diferentes períodos, com o objetivo de responder as questões iniciais

propostas nas pesquisas, tendo como base publicações, artigos, dissertações e teses que possam promover um mapeamento baseado em diferentes pontos de vista.

Para elaborar um caminho a ser percorrido, a fim de trazer uma contextualização da história do Movimento Escoteiro, da educação não formal e do ensino de geografia, foram propostas algumas palavras-chave para serem pesquisadas em diferentes fontes, como o banco de dados do Periódico CAPES (tabela 1), União dos Escoteiros do Brasil (tabela 2) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) (tabela 3).

Tabela 1: Levantamento de dados na plataforma Periódicos CAPES entre os anos de 2015-2020.

Periódicos CAPES	Palavras-chave				
	Texto/Nível	Ensino de geografia	Escotismo e educação	Ensino formal e não formal	Movimento e Escoteiro
Artigos	2.591	15	1.868	0	0
Teses	12	0	3	0	0

Organização: Elaboração própria (2021)

Na pesquisa realizada no Periódico Capes, foi observada a presença de poucas pesquisas que relacionassem escotismo e educação e uma ausência de trabalhos que tivesse como palavra-chave Movimento Escoteiro e escotismo. Os poucos trabalhos relacionados a educação foram lidos para que pudessem ser analisados e incluídos e/ou excluídos para a continuação do estudo.

Tabela 2: Levantamento de dados na plataforma da União dos Escoteiros do Brasil (UEB).

União dos Escoteiros do Brasil	Palavras-chave				
	Texto/Nível	Ensino de geografia	Escotismo e educação	Ensino formal e não formal	Movimento e Escoteiro
Artigos	0	0	0	1	7
Monografias/TCC	1	1	6	5	11
Teses/Dissertações	0	0	1	1	3

Organização: Elaboração própria (2021)

No bando de dados da UEB, não foi uma grande surpresa encontrar mais pesquisas relacionadas ao Movimento Escoteiro e aos escotismo em si do que em outras áreas relacionadas à educação e ao ensino de geografia. Durante a leitura dos artigos encontrados, foi possível perceber que eram pesquisas ligadas à diversas áreas como a construção civil, química, pedagogia e à educação física. Nessa última área, os jogos escoteiros foram a palavra-chave mais encontrada nas pesquisas relacionadas.

Tabela 3: Levantamento de dados na plataforma Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os anos de 2015-2020.

BDTD	Palavras-chave				
	Ensino de geografia	Escotismo e educação*	Ensino formal e não formal	Movimento Escoteiro*	Escotismo*
Dissertações	1.080	12	945	13	38
Teses	337	3	272	3	19

*Não foram encontradas pesquisas baseada no recorte temporal informado, sendo necessário o uso de anos diferentes para a busca de trabalhos relacionadas às palavras-chave.

Organização: Elaboração própria (2021)

Na busca de pesquisas na BDTD, foi observada a ausência de pesquisas relacionadas no período escolhido. Para isso, foi necessário não utilizar um recorte temporal específico, a fim de obter pesquisas relacionadas às palavras-chaves escolhidas. Ainda assim, o número de pesquisas com ligação à pesquisa foi bem abaixo do esperado.

Com o estado da arte foi possível realizar um levantamento de dados importantes com trabalhos que pudessem conversar com a pesquisa. Ao avaliar as pesquisas encontradas foi observado que ainda há poucos trabalhos que utilizem a geografia e o escotismo, principalmente no que tange a questão do ensino de geografia. Ao todo, o número de trabalhos de relevada importância e que foram utilizados como fonte bibliográfica da pesquisa foram 19 (dezenove) artigos e monografias e 3 (três) dissertações/teses que pudessem contribuir com aprendizagens significativas, a fim de buscar ligações com o ensino de geografia e o escotismo.

1.6 – À caminho de uma geografia escoteira

Partindo do objetivo de observar a geografia no Movimento Escoteiro, alguns caminhos foram estipulados, a fim de obter uma ideia de como o ensino de geografia pode ser praticado durante as atividades escoteiras semanais.

Com base no recorte espacial do município do Rio de Janeiro/RJ, foi elaborado um questionário com perguntas breves para que conhecer um pouco sobre os Grupos Escoteiros presentes na região. Por ser um período de pandemia e a maioria dos grupos estarem realizando atividades online, o questionário em questão foi realizado, também, de forma virtual. Contudo, como havia a facilidade de compartilhamento do link para além dos grupos escolhidos, algumas respostas encontradas estavam relacionadas a grupos de fora do recorte espacial. Ainda assim, suas respostas foram levadas em consideração, a fim de ampliar as possibilidades de análise da geografia escoteira.

Na primeira pergunta, foi questionado a qual Grupo Escoteiro estava sendo representado no questionário. Dentre as resposta, os GEs representados foram:

- 7 RJ GE do Mar Benevenuto Cellini
- 32 RS Moacara

- 33 RJ GE do Ar Primeiro de Maio
- 36 GE do Ar Padre Vernin
- 42 RJ GE Monte do Santíssimo
- 44 RJ Santa Cruz de Copacabana
- 47 RJ GE Tiradentes
- 59 RJ GE Atalaia
- 76 RJ GE Nossa Senhora Medianeira
- 126 RJ GE do Mar Phoenix
- 138 RJ GE do Mar Almirante Augusto Rademaker
- 145 RJ GE do Mar Gelmirez de Mello
- 296 RS Ge Amigo Panda
- 323 SP GE Padre Aleixo Monteiro Mafra

Aqui, podemos observar que grande parte das respostas foram feitas por grupos dentro do estado do Rio de Janeiro (o que já sai do recorte inicial escolhido, que era apenas grupos do município do Rio de Janeiro). Todavia, percebe-se que outros membros também tiveram acesso ao questionário, como grupos dos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Na segunda pergunta elaborada, o objetivo era saber qual era a função do participante dentro do Grupo Escoteiro. É importante saber a função para que seja possível observar o quão próximo dos jovens está aquele participante durante as atividades semanais (figura 3).

Existem diversos modos de um adulto participar de um Grupo Escoteiro. A mais comum é a atuação direta com os jovens como um Chefe de Seção (Ramo Lobinho, Escoteiro, Sênior ou Pioneiro). Não há necessidade de ter experiência prévia em nenhuma das áreas no Grupo, pois a UEB oferece cursos de formação básica (preliminar, básico, intermediário, técnico e avançado). O adulto pode participar como um dirigente e colaborar com funções voltadas para área administrativa, como secretaria, finanças, prevenção de emergências e presidência, por exemplo.

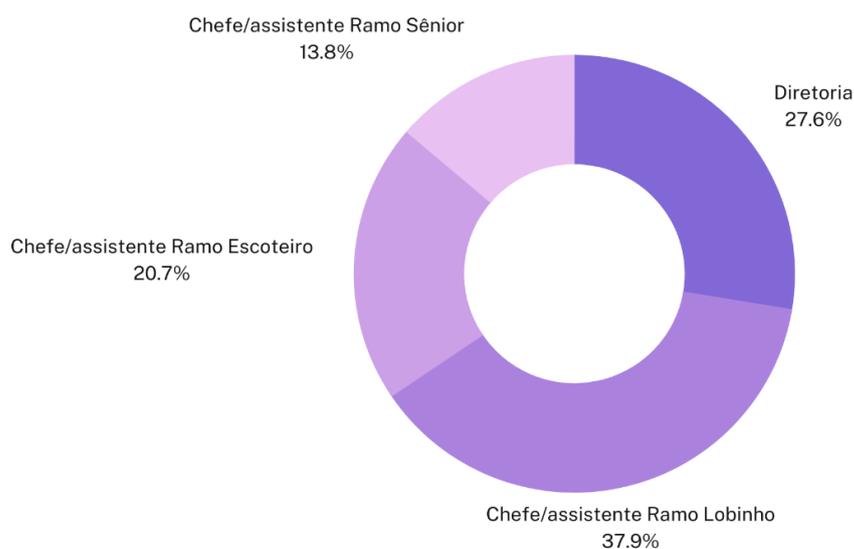


Figura 3 - Pergunta sobre a função dentro do Grupo Escoteiro.
Organização: elaboração própria (2021)

Na terceira pergunta, o objetivo é saber se o participante atua na área da educação (figura 4). Isso porque, por ser uma forma de educação não formal, é possível ocorrer a presença de profissionais da educação. O que surpreendeu nesta questão foi a pouca participação desses profissionais nos grupos escoteiros.

Você atua na área da educação?

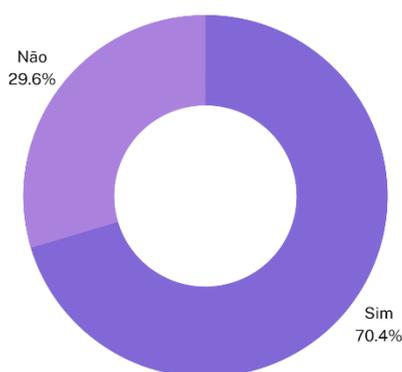


Figura 4 - Pergunta sobre atuação na área da educação.
Organização: elaboração própria (2021)

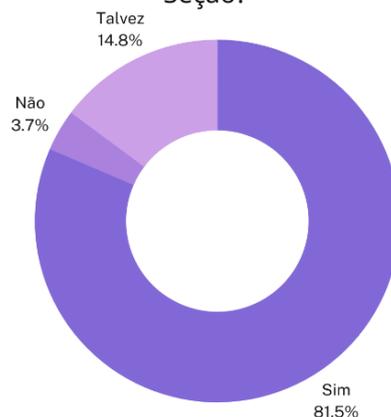
Na quarta pergunta (figura 5), é possível observar um ponto interessante. Apesar da questão anterior mostrar que mais de 70% dos participantes que responderam informaram que não eram da área da educação, nessa questão percebe-se que a presença de profissionais da área quase que semelhante a de profissionais de outras áreas. A possibilidade de ter ocorrido tais respostas pode estar relacionada a não obrigatoriedade de responder a essa questão e/ou receio de julgamentos por não possuir ensino superior, mesmo sendo informado no início do formulário que não haveria identificação do participante.

Graduado em Engenharia Mecânica, Pós graduação em Gestão de Negócios, Pós em Gestão de Pessoas
Tecnólogo em Informática
Em andamento
Pedagogo
Geografia
Geografia e Libras
Prof. De Geografia
Pós graduação

Figura 5 – Informações sobre a graduação, se houver, do representante do GE.
Organização: elaboração própria (2021)

Na quinta questão, o objetivo era saber como os grupos procederam as atividades durante o período da quarentena imposta em março de 2020. A maioria das respostas informavam que as atividades procederam de forma online. Em alguns grupos, as atividades foram suspensa, mesmo online, devido a dificuldade de acesso à internet por parte dos membros das seções. É possível perceber que as dificuldades foram semelhantes às enfrentadas nas escolas.

Você consegue observar alguma prática da geografia nas atividades de sua Seção?



Em sua Seção, vocês trabalham a relação do jovem com o espaço em que ele vive?

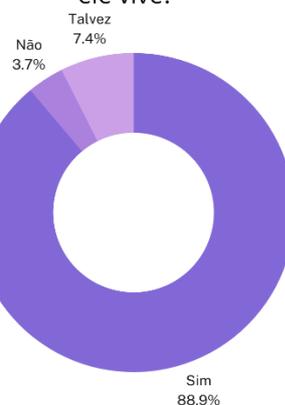


Figura 6 – Porcentagem das perguntas sobre a percepção da geografia nas práticas escoteiras e da relação dos participantes com os espaço geográfico.
Organização: elaboração própria (2021)

Nessas duas questões, o objetivo era observar a geografia na vivência escoteira. O interessante das respostas foi perceber que os grupos conseguem ver a prática geográfica nas atividades semanais e permitem que os jovens tenham uma conexão com o espaço em que eles vivem.

Algum jovem de seu Ramo já conquistou algum nível ou está em busca de conquistar a especialidade de geografia (página 71 do Guia de Especialidades, 15ª edição, ano 2016)?

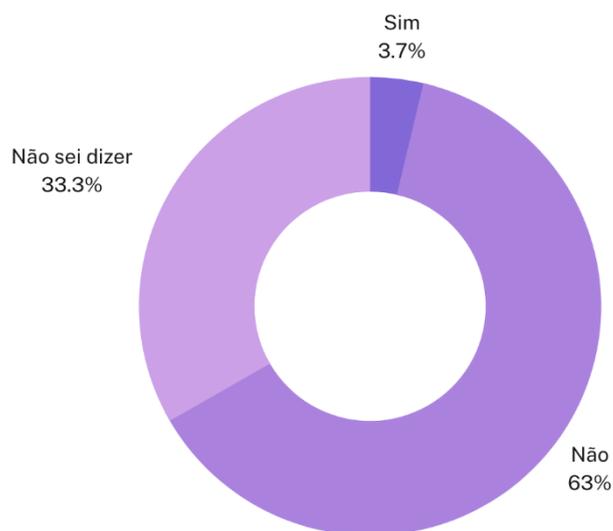


Figura 7 – Porcentagem sobre a conquista da especialidade de geografia por algum participante do GE.

Organização: elaboração própria (2021)

Na última pergunta aplicada (figura 7), o objetivo era saber se algum jovem já havia ou estava a caminho de conquistar a especialidade de geografia. Apenas uma resposta foi positiva, como pode ser observado na faixa azul do gráfico. Não foi possível saber se a conquista da especialidade estava relacionada ao chefe de seção ter alguma relação com a geografia.

Ao concluir as perguntas do questionário, percebe-se que os participantes dos Grupos Escoteiros conseguem observar a presença da geografia na prática escoteira e buscar levar o jovem a compreender a sua relação com o espaço vivido.

CAPÍTULO II

2. PRÁTICAS EDUCACIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O ENSINO NÃO FORMAL E O ESCOTISMO

No Movimento Escoteiro, apesar de ser um espaço formativo não formal, podemos vivenciar práticas aplicadas ao ensino formal da geografia, uma vez que a prática escoteira é feita em um sistema de progressões e suas atividades são organizadas, praticadas e adaptadas em sua maioria ao espaço em que a sede escoteira se encontra instalada.

O sistema de progressão é o caminho que o adolescente percorre durante a sua vida escoteira, no qual ele põe em prática o que aprende e observa o quanto desenvolveu durante o seu período de atividade dentro do ramo escoteiro. A progressão é feita por meio de análises das atividades realizadas durante as reuniões semanais, atividades em grupo durante eventos dos quais os adolescentes participam. No Ramo Escoteiro, a progressão é dividida em quatro períodos que, ao serem completados, os escoteiros recebem seus distintivos de progressão Pista, Trilha, Rumo e Travessia (figura 8).



Figura 8: Distintivos de progressão Pista, Trilha, Rumo e Travessia.
Fonte: União dos Escoteiros do Brasil

Antes de ingressar no ramo seguinte (Ramo Sênior), o escoteiro pode, além de conquistar os distintivos citados anteriormente, é possível a conquista de distintivos especiais, como as especialidades, por exemplo.

Da mesma forma que o Movimento Escoteiro vem modificando suas práticas, atualizando de acordo com o momento vivido pelos adolescentes, o processo de ensino-aprendizagem também se modifica, sendo levada a adaptar ao conjunto de transformações e realidade em que a escola está inserida.

Em relação ao ensino de geografia, percebe que ele não perdeu a sua característica relevante de ter os mapas como a linguagem visual mais utilizadas para discutir e representação o espaço geográfico, mas não se pode trabalhar o ensino de geografia como sendo apenas a leitura de mapas.

A educação geográfica diz respeito a: ensinar para que? Se for simplesmente para cumprir um compromisso com um rol de conhecimentos específicos, não há sentido de se pensar em educação geográfica; no entanto, se a perspectiva intrínseca do ensinar Geografia seja dar conta de explicar e compreender o mundo, de se situar no contexto espacial e social em que vive, de construir instrumentos para tornar o mundo mais justo para a humanidade, então está sendo

cumprido o papel educativo de ensinar geografia. (CALLAI, 2012, p. 73).

A prática escoteira traz em si, proposta semelhante a que Callai (2012) diz sobre o ensinar geografia. Em seu programa, o escotismo propõe atividades práticas que abordam temas interdisciplinares que levam o jovem a pensar sobre si e sobre o coletivo, além de inseri-lo na realidade vivida por ele e por seu grupo escoteiro.

Este capítulo discute e reflete o histórico da geografia escolar, utilizando autores do campo do ensino de geografia e a geografia proposta no currículo do estado do Rio de Janeiro (2018) como um comparativo atualmente. É proposto também um debate sobre as ações educacionais, com um enfoque no ensino formal e não formal, utilizando a prática escoteira como um exemplo de prática não formal e os jogos escoteiros como uma metodologia de ensino em sala de aula.

2.1 – A geografia escolar no estado do Rio de Janeiro

Sabe-se o início da geografia é marcado por sua caracterização estratégica, tendo grande importância no saber militar e na organização de territórios. O início da geografia escolar não se encontra muito afastada desse conceito. Isso porque a preocupação maior do ensino de geografia se encontrava pautada em quais temáticas ensinar, estando longe de organizar metodologias que levariam a conclusão do processo de aprendizagem.

A trajetória do ensino da Geografia como disciplina escolar diz respeito a um ensino restrito às salas de aulas e pode ser vista como uma disciplina que teve o propósito meramente de produção textual, com característica descritiva e mnemônica baseado nas prerrogativas de um ensino tradicional, condicionando os alunos a não desenvolverem um raciocínio crítico e nem tampouco apresentarem perspectivas de melhorar as relações entre sociedade, trabalho e natureza, diante das transformações do curso do planeta. (MARQUES, 2017, p.25).

No que tange o ensino de geografia no Brasil, o trabalho escrito por Delgado de Carvalho, *Metodologia do ensino geográfico* (1925), é o mais marcante na questão de se pensar em metodologias para o ensino da disciplina no país.

Ainda que seu início tenha sido marcado pela dualidade entre geografia física e geografia humana, a preocupação com o meio em que o aluno está inserido foi levada em consideração com a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, onde cada ano passa a possuir um currículo a ser seguido em todo território nacional.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia para o ensino fundamental propõe um trabalho pedagógico que visa ampliar as capacidades de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e

espaços geográficos. (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2009, p.75).

Com base em documentos anteriores e novas discussões, foi elaborada uma nova política pública educacional norteadora para os currículos nacionais da Educação Básica, em 2017, foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um novo referencial que começa a ser utilizado ao longo dos anos escolares da Educação Básica.

No estado do Rio de Janeiro, a elaboração do Documento de Orientação Curricular do Estado do Rio de Janeiro foi uma ação colaborativa da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME-RJ), da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC-RJ), da União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação do Rio de Janeiro (UNCME-RJ) e do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro (CEE-RJ). (RIO DE JANEIRO, 2019, p.6).

Para que ocorresse a análise do objetivo central do capítulo, foi elaborada uma análise dos componentes relacionados ao currículo de geografia para o ensino fundamental 2, suas unidades temáticas e objetos de conhecimento, para que tornasse possível a utilização do currículo estadual na elaboração e/ou adaptação de jogos escoteiros em sala de aula, afim de concretizar a hipótese da utilização de jogos escoteiros como uma ferramenta do ensino formal de geografia.

No currículo de geografia do Estado do Rio de Janeiro é possível perceber que os conceitos básicos de espaço, região, território, lugar e paisagem estão bem estruturados e articulados durante os quatro anos finais do Ensino Fundamental, de uma forma que os estudantes possam ter conhecimentos de dimensões globais a partir das vivências locais. A seguir, foram organizadas as habilidades de geografia do 6º ano 9º ano, de acordo com a unidade temática e objetos de conhecimentos.

Quadro 3: Habilidade de Geografia par o 6º Ano do Ens. Fund. II

Habilidade de Geografia – 6º ano		
Ano	Unidade temática	Objeto de conhecimento
6º ano	O sujeito e seu lugar no mundo Conexões e escalas	Identidade cultural Relações entre os componentes físico-culturais
	Mundo do trabalho	Transformação das paisagens naturais e antrópicas
	Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras
	Natureza, ambiente e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico Atividades humanas e dinâmica climática

Fonte: Rio de Janeiro, 2017.

No quadro das unidades temáticas e objetos de conhecimento relacionados ao 6º ano (quadro 3), é notado que o objetivo central é apresentar a relação sociedade e natureza. Nesse contexto, as competências partem do conhecimento de lugar e paisagem e das transformações humanas no espaço vivido.

De acordo com o Documento Curricular do Rio de Janeiro (2017, p. 395), “desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza”. E, para os alunos do 6º ano, trabalhar o conceito de identidade do lugar é fundamental para levar o aluno a entender e se entender parte do espaço em que vive, partindo das vivências diárias e do trabalho coletivo dos indivíduos.

Quadro 4. Habilidade de Geografia par o 7º Ano do Ens. Fund. II

Habilidade de Geografia – 7º ano		
Ano	Unidade temática	Objeto de conhecimento
7º ano	Sujeito e seu lugar no mundo	Ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil
	Conexões e escalas	Formação territorial do Brasil
	Mundo do trabalho	Características da população brasileira Produção, circulação e consumo de mercadorias Desigualdade social e o trabalho
	Formas de representação e pensamento espacial	Mapas temáticos do Brasil
	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade brasileira
	Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras

Fonte: Rio de Janeiro, 2017.

Durante o 7º ano (quadro 4), é apresentado aos alunos um olhar para o Brasil, onde é possível partir da formação territorial brasileira até chegar às ações humanas nas paisagens do Brasil. É no 7º ano que a geografia aproxima os alunos a analisarem as características do passado e da contemporaneidade brasileira, a partir de conceitos ensinados no ano anterior e de observações feitas do espaço em que vivem.

Para os alunos do 7º ano é fundamental partir do conhecimento local, adquirido no ano anterior para iniciar o processo de comparar processos que acontecem a nível regional, ampliando a sua capacidade de observação, a fim de comparar semelhanças e diferenças entre as realidades presentes no país em que vivem.

Quadro 5: Habilidade de Geografia par o 8º Ano do Ens. Fund. II (...)

Habilidade de Geografia – 8º ano		
Ano	Unidade temática	Objeto de conhecimento
8º ano	O sujeito e seu lugar no mundo	Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais Diversidade e dinâmica da população mundial e local
	Conexões e escalas	Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial
	Mundo do trabalho	Os diferentes contextos e os meios técnico e tecnológico na produção Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina
	Formas de representação e pensamento espacial	Cartografia: anamorfose, croquis e mapas temáticos da América e África
	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Identidades e interculturalidades regionais: Estados Unidos da América, América espanhola e portuguesa e África Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens na América Latina

Fonte: Rio de Janeiro, 2017.

A partir do 8º ano (quadro 5) é possível perceber que a geografia traz o olhar crítico apresentado no 7º para as questões brasileiras para que seja necessário ampliar seu olhar diante da realidade do mundo. Por meio dos conhecimentos de questões da realidade brasileira, é possível entender as situações vividas pelas populações ao redor do mundo, em especial dos continentes americano, antártico e africano.

Encaminhando para os dois últimos anos do Ensino Fundamental II, a estrutura curricular traz a proposta de ampliar a compreensão de mundo presente nos alunos, sendo possível a elaboração de atividades interdisciplinares (item este também sendo possível em anos anteriores sem pormenores) que sejam capazes de contribuir amplamente para o processo de ensino aprendizagem.

Quadro 6: Habilidade de Geografia par o 9º Ano do Ens. Fund. II

Habilidade de Geografia – 9º ano		
Ano	Unidade temática	Objeto de conhecimento
9º ano	O sujeito e seu lugar no mundo	A hegemonia europeia na economia, na política e na cultura Corporações e organismos internacionais As manifestações culturais na formação populacional
	Conexões e escalas	Integração mundial e suas interpretações: globalização e mundialização A divisão do mundo em Ocidente e Oriente Intercâmbios históricos e culturais entre Europa, Ásia e Oceania
	Mundo do trabalho	Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial Cadeias industriais e inovação no uso dos recursos naturais e matérias-primas
	Formas de representação e pensamento espacial	Leitura e elaboração de mapas temáticos, croquis e outras formas de representação para analisar informações geográficas
	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens na Europa, na Ásia e na Oceania

Fonte: Rio de Janeiro, 2017.

No último ano do Ensino Fundamental (quadro 6), a linha de noção de mundo ainda é contínua, reafirmando a necessidade de conhecer as estruturas sociais, históricas e geográficas do mundo contemporâneo. Ao chegar ao final do 9º ano, o currículo de geografia permite a garantia de desenvolver os estudantes ao conhecerem os conceitos de lugar, paisagem, território, região e espaço geográfico para além dos limites nacionais.

Pelo Documento Curricular, o ensino de geografia “deve valorizar a observação, percepção, análise e compreensão do espaço geográfico enquanto espaço da ação humana em interação com a natureza”. E, apesar de ainda possuir ligações com o perfil tradicional da geografia, é possível perceber mudanças que levam o ensino de geografia a pensar na importância das transformações ocorridas no espaço e a sua análise quanto disciplina escolar e sua influência na inserção social do adolescente no meio espaço em que atua.

Como é possível observar pelos objetos de conhecimento, os conteúdos de geografia para o Ensino Fundamental 2 buscam uma leitura total do espaço. A compreensão da construção do espaço geográfico aproxima o aluno a entender as modificações e permite uma leitura do

espaço vivido. Além disso, é possível aplicar de forma interdisciplinar temas ligados à geografia com áreas afins.

A interdisciplinaridade pode criar novos saberes e favorecer uma aproximação maior com a realidade social mediante leituras diversificadas do espaço e de temas de grande interesse e necessidade para o Brasil e para o mundo. (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2009, p.145)

A construção de uma atividade interdisciplinar não necessita que as disciplinas sejam das mesmas áreas de conhecimento. Pontuschka (2009) pontua a necessidade de um elemento embrião (tema gerador) que seja capaz de trazer à tona o olhar crítico de cada disciplina, levando aos estudantes a produzirem conhecimento que seja capaz de levá-los a analisar a realidade local de forma crítica, ao mesmo tempo em que possam perceber que a sua realidade não é um caso isolado em relação ao regional ou global.

O conceito de interdisciplinaridade é descrito por Severino (1989, apud Pontuschka, 1999, p.100) como algo que ainda possui dificuldades em ser observada a precisão dessa reciprocidade entre as diversas disciplinas. Contudo, mesmo diante das dificuldades encontradas, ainda deve ser mantido o desejo de alcançar unir os conhecimentos escolares que foram sendo fragmentados durante vários anos. Por essa fragmentação ocasionar um conhecimento parcelado da realidade, a interdisciplinaridade permite que essas lacunas sejam preenchidas por meio da ação de diferentes olhares e contextos sociais.

Com base no documento curricular do Rio de Janeiro, as habilidades relacionadas à geografia permitem uma leitura de mundo a partir da introdução do pensamento espacial, com as noções de lugar e paisagem. Para ir além, é possível adquirir a noção espacial semelhante em outras áreas de conhecimento, permitindo ações e atividades interdisciplinares aos estudantes e contribuindo para uma leitura ampliada, partindo do local para o global.

2.2. Ações educacionais: o ensino não formal e sua relação com a metodologia escoteira

A prática educacional vem sofrendo transformações em busca de se pensar em novos métodos que possam desenvolver a relação do indivíduo com o espaço em que ele vive. Tendo em vista essas observações, a prática educacional se desenvolve em duas vertentes: no ensino formal e no ensino não formal.

Em suma, entende-se por ensino formal a prática realizada dentro das escolas, ligados a aplicação de conteúdos didáticos. Pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (9.394/96), em seu artigo 1º, diz que a educação pode ser desenvolvida pela família, ambientes de trabalho, instituições escolares e em organizações sociais e culturais.

Aliada ao ensino formal, tem-se a aprendizagem realizada além dos muros da escola, levando ao desenvolvimento de novas formas de ensinar e formar cidadãos ativos em conjunto com o ensino escolar.

Na educação não-formal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem

saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência. (BIESDORF, 2011, p. 9)

A formalidade e a não formalidade na educação são ações educacionais voltadas a formação de um indivíduo ativo na sociedade e dispõem de propostas que sejam capazes de relacionar a teoria e a prática de forma a facilitarem o processo de ensino-aprendizagem.

A terminologia educação “não formal” está referida ao escolar e por muitas vezes ainda recobre experiências mais diversas, às vezes entendidas como educação social, que têm entre si o traço comum de serem realizadas fora do espaço e do tempo escolar, como por exemplo, o trabalho e atividades de lazer e arte como complementação pedagógica. (MARQUEZ, 2017, p. 30)

Em seu trecho, Marquez ressalta que as vivências sociais fora do tempo e espaço escolar são ferramentas importantes para a complementação do processo de ensino aprendizagem formal.

Segundo Gohn (2008, p. 104), a educação não informal tem a sua importância no momento em que traz outros saberes para complementar os conhecimentos, ultrapassando os muros da escola, pois a educação não formal não necessariamente precisa acontecer em espaços escolares.

De acordo com (FÁVERO, 2007 apud CASCAIS e TÉRAN, 2011, p.2)

Os termos, formal, não formal e informal são de origem anglo-saxônica, surgidos a partir de 1960. Vários fatores, ocasionados pela segunda Guerra Mundial, desencadearam uma crise educacional nos países do primeiro Mundo, dentre eles: a) os sistemas escolares não conseguiram atender à grande demanda escolar, b) os sistemas escolares não cumpriam seu papel em relação à promoção social e, c) a não formação de recursos humanos para as novas tarefas que surgiam com a transformação industrial. Com isso, ocorreu, de um lado, a exigência de um planejamento educacional e, de outro, a valorização de atividades e experiências não escolares, tanto ligadas à formação profissional quanto à cultura geral.

Geralmente, a diferença entre formal, não formal e informal é estabelecida tomando por base o espaço escolar. “Assim, ações educativas escolares seriam formais e aquelas realizadas fora da escola não formais e informais” (MARANDINO; SELLES; FERREIRA, 2009, p.133). Segundo as autoras, nos países de língua inglesa, o termo “não formal”, quase não é utilizado. São consideradas como informais as ações realizadas em outros locais diferentes da escola. Enquanto nos países latinos e Lusófonos, os termos, “não formal” e “informal” são aplicados à educação, sendo o primeiro associado a instituições como museus, centros culturais, ONGs, e o segundo, a mídias.

Segundo Gohn (2006, p. 28), quando se fala em educação não formal, é quase impossível não compará-la com a educação formal. A autora faz uma distinção entre as três modalidades, demarcando seus campos de atuação:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

Sendo assim, a educação formal tem um espaço próprio para ocorrer, ou seja, é institucionalizada e prevê conteúdos, enquanto a educação informal pode ocorrer em vários espaços, envolve valores e a cultura própria de cada lugar. Já a educação não formal ocorre a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida em espaços coletivos.

Para Gandin (1995), a educação formal escolar possui três objetivos básicos: a formação da pessoa humana, o desenvolvimento da ciência e o domínio da técnica, sendo estes três fatores indispensáveis para que o homem consiga se inserir numa sociedade e viver de acordo com as regras desta sociedade.

Esses três fins têm relação com as necessidades humanas mais fundamentais: a ciência é o meio indispensável para compreender a realidade, a técnica é utilizada para transformar essa realidade, visando o bem estar, e a formação é entendida aqui como elemento básico na realização da identidade das pessoas e dos grupos, incluindo a própria utilização da ciência e da técnica. (GANDIN, 1995, p.96).

É também na escola onde acontece todo o processo da educação formal, sendo o docente o elemento que faz a intermediação entre o conhecimento e o educando.

Na escola, a aula é a forma predominante de organização do processo de ensino. Na aula se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognitivas. (LIBANEO, 1994, p.177).

O professor torna-se o principal responsável pela educação formal e, conforme Read (2001, p.6), “O objetivo da educação, portanto, só pode ser o de desenvolver, juntamente com a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo.” Desta forma, o ensino formal necessita preocupar-se também com a formação da personalidade como um todo do aluno. Porém procuramos em nossa pesquisa um entender como espaços distintos podem ser trabalhados de forma associadas, rumo a uma construção de conhecimento que inclua o espaço formal e o espaço não formal.

A educação formal como se conhece é organizada, acontece em local específico, sistematizado, com análise de conteúdo, em outras palavras, é regulada por leis, normas da instituição de ensino. Sendo formal, espera resultados, analisa os dados obtidos a partir dos planejamentos anteriormente realizados.

A educação formal é assegurada a população desde a Constituição Federal de 1988.

Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

A educação formal, não formal e informal busca, a sua maneira, possibilitar relações sociais baseadas na igualdade e justiça social. Entretanto, a educação formal o faz intencionalmente buscando especialmente a aprendizagem efetiva e a certificação que vai acontecer gradativa e progressivamente.

A educação não formal, por sua vez, projeta seus objetivos num processo interativo, no qual:

A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc. (GOHN, 2006, p. 30).

No caso do ensino não escolar, como afirma Brandão (1985), o ensino informal, não existe um fim projetado anteriormente, pois ele acontece a partir das relações interpessoais, é permanente, está no campo dos sentimentos, é resultado de uma rede de troca de saberes universal, gerando a partir dessas questões supracitadas: hábitos, ideias, comportamentos, formas de comunicação e linguagem, de acordo com a cultura da qual o indivíduo faz parte.

Já a educação não formal pode acontecer em diferentes proporções, pois ela envolve o engajamento político, as experiências que se adquire ao longo da vida, o trabalho e a identificação de potencialidades, compreensão sócio-política da sociedade e suas organizações, construção da identidade coletiva, uma vez que “na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos” (GOHN, 2006, p. 31).

O movimento Escoteiro permite o trabalho e a identificação de potencialidades e compreensão sócio-política da sociedade rumo a identidade coletiva por meio de uma metodologia própria.

Há uma tendência de se confundir a educação não formal com a educação informal. Segundo Gohn (2006) deve-se compreender a educação informal como aquela que se adquire nas relações sociais, no processo de socialização, por exemplo, dentro da família, com amigos, clubes, igreja, comunidade e até os meios de comunicação em massa. Neste caso, aparecem como a figura do educador os pais, os vizinhos, um líder religioso, orientador espiritual, etc. Lembra-nos Brandão (1985, p.47) de que “[...] a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre seus participantes”.

Quanto aos objetivos de cada uma das modalidades, Gohn destaca para a educação formal os concernentes ao “ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados”, que preparam o indivíduo para atuar em sociedade como cidadão ativo. A educação informal tem como objetivo socializar os indivíduos e desenvolver hábitos e atitudes. Já a finalidade da educação não formal é proporcionar conhecimento sobre o mundo que envolve os indivíduos e suas relações sociais (GOHN, 2006).

A educação formal é metodicamente organizada, Ela segue um currículo, é dividida em disciplinas, segue regras, leis, divide-se por idade e nível de conhecimento. Diferentemente daquela primeira, a educação informal “é um processo permanente e não organizado”. Já a educação não formal trabalha com a subjetividade do grupo e contribui para sua construção identitária. Percebe-se, nas três modalidades, características diferenciadas, entretanto, podem ser complementares.

Gohn (2006) ressalta a importância da educação não formal, pois está “voltada para o ser humano como um todo”, entretanto, afirma que aquela não substitui a educação formal, mas poderá complementá-la por meio de programações específicas e fazendo uma articulação com a comunidade educativa. Embora ambas as modalidades tenham objetivos bem similares, a

educação não formal tem objetivos próprios relacionados à forma e ao espaço em que se realizam suas práticas.

Mais uma vez, observamos a complementaridade das modalidades de educação sobre as quais estamos tratando, embora ocorram em locais diferentes e tenham objetivos específicos. Dessa forma o conhecimento produzido e difundido pelo Movimento Escoteiro pode e deve estar sendo construído junto e com bases no ensino de geografia da escola básica.

Por Trilla (2008, p. 29),

Educação não formal é aquela realizada fora da escola e longe dos métodos convencionais. Sendo assim, é conveniente explicar principalmente aos pais, a importância de inserir seus filhos em atividades educativas que abrangem além do cognitivo, uma formação ampliada de suas habilidades que lhes darão suporte ao seu total desenvolvimento.

Ao inserir crianças e jovens em atividades educativas nos ambientes não formais, torna possível uma ação em conjunta da escola com agentes extracurriculares, sendo capaz de tornar o jovem mais ativo no espaço em que vive e atua diariamente.

A partir deste ponto que o Movimento Escoteiro entra como um exemplo de método educativo não formal. Para isso, se faz necessário entender que escotismo vai além do “vender biscoitos”, “ajudar aos mais velhos a atravessarem o semáforo” ou até mesmo “cuidar da natureza”, como é pregado nos filmes e no senso comum.

Entender a base do escotismo é essencial para pôr em prática seus diversos níveis de conhecimento. Pelo POR (Princípios, Organizações e Regras), “o propósito do Movimento Escoteiro é contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido pelo seu Projeto Educativo”.

A prática escoteira no Brasil é assegurada pelo Decreto Lei 8.828, de 24 de janeiro de 1946. Essa Lei estabelece os seguintes artigos para a prática não formal escoteira:

Art. 1º Fica reconhecida a União dos Escoteiros do Brasil no seu caráter de instituição destinada à educação extraescolar, como órgão máximo de escotismo brasileiro.

Art. 2º A União dos Escoteiros do Brasil manterá sua organização própria com direito exclusivo ao porte e uso dos uniformes, emblemas, distintivos, insígnias e terminologia adotados nos seus regimentos e necessários à metodologia escoteira.

Art. 3º A União dos Escoteiros do Brasil realizará, mediante acordo, suas finalidades em cooperação com o Ministério da Educação e Saúde.

Art. 4º A União dos Escoteiros do Brasil será anualmente concedida no orçamento geral da República, a subvenção necessária para a satisfação dos seus fins.

Mesmo sendo uma instituição não governamental e com enfoque no ensino não formal, podemos dizer que o Movimento Escoteiro ajuda a promover a cidadania na comunidade em que os jovens atuam, dessa forma, contribuindo para uma maior interação com o espaço geográfico em que vivem.

A fim de apresentar a proposta escoteira aos jovens, A União dos Escoteiros do Brasil (UEB) criou uma proposta de atividade em que envolve o escotismo e a escola denominado de Educação Escoteira (figura 9). Neste projeto, os grupos escoteiros propõem mutirões de

atividades em ambientes escolares, com atividades alinhadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para contribuir com a assimilação de conteúdos escolares de forma lúdica.



Figura 9. Símbolo da Educação Escoteira 2021.
Fonte: UEB, 2021¹

O maior desafio enfrentando em 2021 foi elaborar atividades presenciais e/ou híbridas depois de um ano com aulas 100% online em muitas escolas. Durante o período da pandemia do Coronavírus (Covid-19), a pauta educacional esteve em seu ápice, levando a todos a buscarem novas propostas que proporcionassem o acesso à todos ao ensino remoto e a discutir meios em que fosse possível preencher as lacunas existentes no ano em que as aulas presenciais foram impossibilitadas de acontecer.

Em 2021, algumas atividades precisaram de adaptações para que pudessem ser utilizadas tanto em sala de aula quanto com os alunos que acompanhavam de casa.

No capítulo a seguir, serão apresentadas atividades realizadas em duas escolas privadas e com anos diferentes e os resultados encontrados na realização de cada uma delas.

2.3. Vivências e Práticas Educacionais em Geografia no Centro Cultural Pedro II nos bairros do Santíssimo e de Senador Vasconcelos na Zona Oeste do Rio de Janeiro/RJ

Situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro², a rede de escolas Pedro II tem a sua origem inspirada na história de Marva Collins, uma mulher negra que viu na educação uma forma de incentivar os alunos a alcançarem seus objetivos.

A primeira unidade foi construída no bairro de Santa Cruz, em 1983 e somente 15 anos depois, a segunda unidade foi inaugurada, no bairro de Campo Grande. Desde então, a rede conta com 13 unidades instaladas nos bairros de Bangu, Brisa, Campo Grande, Cosmos,

¹ Caderno de atividades 2021. Disponível em < https://escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Caderno_de_atividades_2021_02.pdf > Acesso em 12 de março de 2022.

² Zona Oeste, aqui entendida, como a ocupação dos bairros das Regiões Administrativas de Bangu, Campo Grande, Guaratiba e Santa Cruz, de acordo com Barbosa (2021) e LOPEs, ALBUQUERQUE e CASTRO (2022).

Guandu, Santíssimo, Sapê, Senador Vasconcelos, Guaratiba, Paciência, Recreio, Rio da Prata, Santa Cruz, Sepetiba e Tingui, atendendo alunos e alunas do Maternal ano Ensino Médio e todas seguindo a mesma estrutura, proposta pedagógica e o lema “É sempre possível ser alguém”.

As unidades da rede utilizadas para a prática de atividades durante a pesquisa foram as unidades de Santíssimo (Figura 10) e Estrada do Pré (Figura 12), situadas nos bairros de Santíssimo (Figura 11) e Senador Vasconcelos (Figura 13), respectivamente.

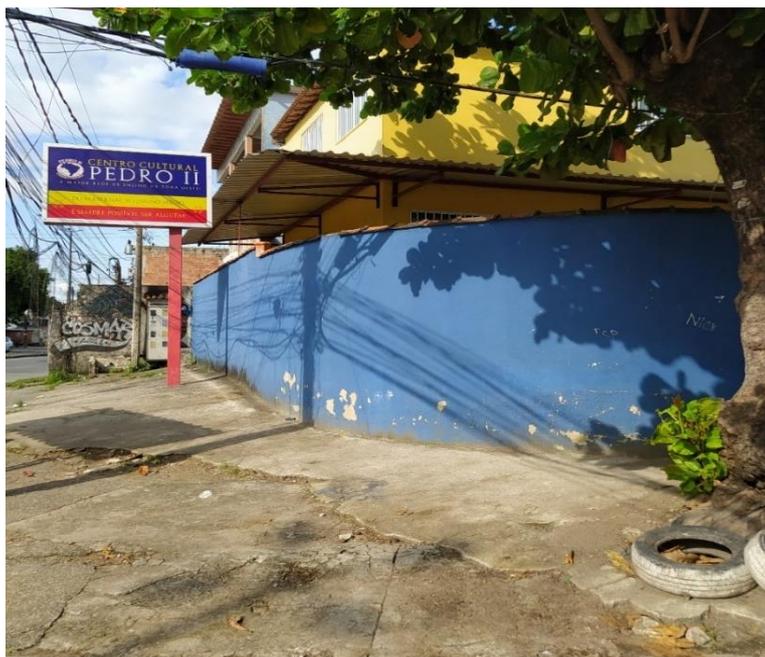


Figura 10. Faixada do Centro Cultural Pedro II – Unidade Santíssimo
Fonte: <https://www.google.com/maps/uv?pb>

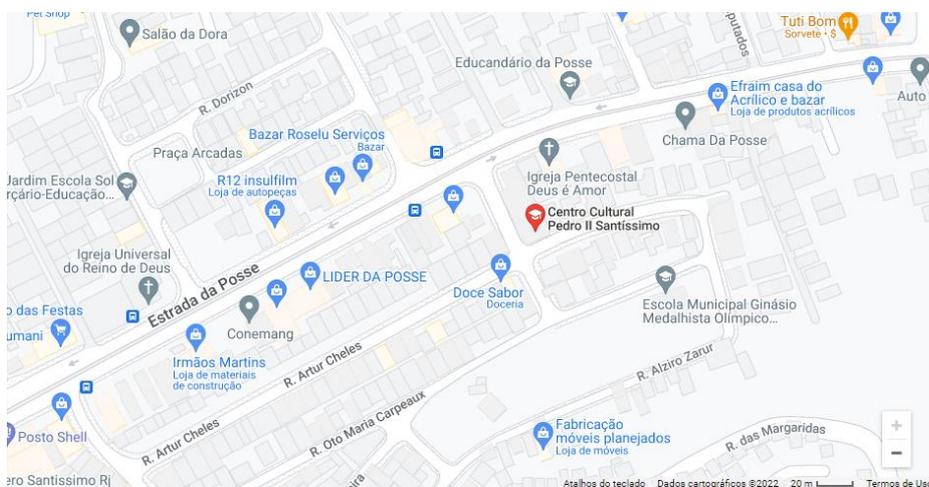


Figura 11. Localização da Centro Cultural Pedro II no bairro do Santíssimo no Rio de Janeiro/RJ

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Fabrica>



Figura 12: Entrada principal e faixada do Centro Cultural Pedro II – Unidade Estrada do Pré no Rio de Janeiro/RJ

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Fabrica>

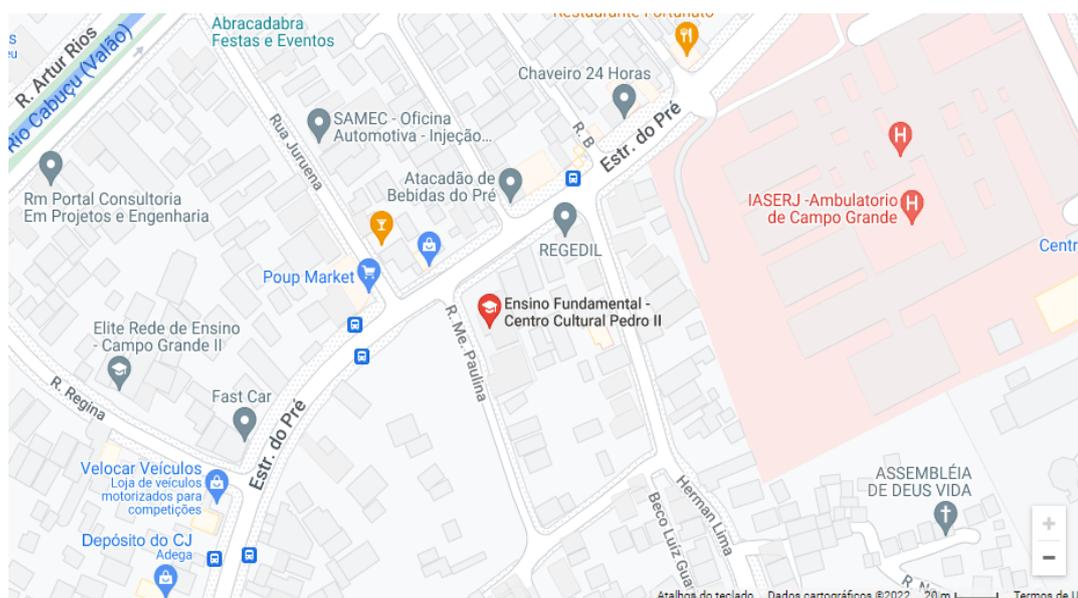


Figura 13: Localização da Centro Cultural Pedro II no bairro de Senador Vasconcelos no Rio de Janeiro/RJ

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Ensino>

Pontuschka (2009) aponta que atividades conjuntas permitem e necessitam de um diálogo entre professores de diferentes áreas de conhecimento. Entretanto, em muitos casos, seus conhecimentos não são capazes de integrar escola e comunidade no fim da atividade. Para que ocorra um efeito significativo na estrutura da atividade faz-se necessário um tema gerador que possa ser capaz de trazer à tona questões sobre a realidade local do entorno da escola, a fim

de proporcionar um conhecimento mais consistente, uma melhor compreensão da realidade do espaço e a participação dos sujeitos sócias que atuam dentro e fora dos muros da escola.

A fim de realizar uma atividade interdisciplinar, em novembro de 2021, na escola Centro Cultural Pedro II – Unidade Santíssimo, foi realizado o primeiro chá literário, organizado pela disciplina de Teatro. O tema trabalhado foi a literatura de cordel (Figuras 14 e 15).

Sobre a prática da interdisciplinaridade na geografia, Pontuschka (2009) pontua que

“A Geografia, por estudar o espaço geográfico, composto de dimensões múltiplas, e considerar as relações existentes entre a sociedade e a natureza, traz conhecimentos que podem contribuir para os temas transversais, tais como Pluralidade Cultural, Meio Ambientes, Saúde e Temas Locais, mas certamente tem o que contribuir para outros temas, conforme o planejamento das escolas na cooperação mútua.” (PONTUSCHKA; PAGANELI; CACETE, p.132, 2009)

As autoras reafirmam a importância da prática interdisciplinar em projetos das escolas, pois são uma forma de agregar os elementos sociais com os elementos da natureza, com o objetivo de ampliar a compreensão do espaço vivido.

Os textos de cordel contam a história do povo do Sertão nordestino, em forma de versos que rimam entre si. Por ser um tema abrangente, outras disciplinas puderam contribuir com seus temas como Língua Portuguesa, Artes e Geografia. A estrutura da proposta pode ser vista, no quadro 7.

Quadro 7: Atividade do chá literário

Objetivos	Ações	Habilidades	Recursos
Apresentar a história do Sertão por meio da literatura de cordel, por meio do olhar interdisciplinar das disciplinas de Artes, Geografia, Língua Portuguesa e Teatro.	Elaboração de cordéis pelos alunos do 1º ao 9º; Exposição das xilogravuras e dos cordéis; apresentação da história de José Francisco Borges e Leandro Gomes de Barros.	Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais; Caracterizar dinâmicas populacionais da região do Nordeste brasileiro.	Painéis de exposição; galhos secos; preparação da quadra esportiva para a atividade.

Fonte: Alvarenga, 2021.

À disciplina de geografia foi pedido que mostrasse aos alunos e alunas um pouco da realidade do Sertão Nordestino, conteúdo este ligado aos estudos de clima (6º ano) e sobre as regiões brasileiras (7º ano). Os resultados das atividades foram a construção de textos de cordel elaborados pelos alunos e alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental do Centro Cultura Pedro II (Figura 14) e as Xilogravuras elaboradas pelos alunos em homenagem a José Borges, artista homenageado no I Chá Literário (Figura 15).

José Francisco Borges, mais conhecido artisticamente como J. Borges, nasceu em Pernambuco e trabalhou durante anos com fabricação de objetos em cerâmica e na venda de

livros de cordel, até que resolveu criar e ilustrar suas próprias histórias e xilogravuras pelo Nordeste e por diversos países ao redor do mundo³.



Figura 14. Textos de cordel elaborados pelos alunos e alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental do Centro Cultura Pedro II
Fonte: Alvarenga, 2021

³ O texto completo está disponível “Artesanato de Pernambuco” < <http://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/pt-BR/mestres/j-borges-mestre/mestre> > Acesso em 31 de março de 2022.



Figura 15. Xilografuras elaboradas pelos alunos em homenagem a José Borges, artista homenageado no I Chá Literário.

Fonte: Alvarenga, 2021

A interdisciplinaridade permite que alunos e professores possam trabalhar em equipe, interação social e construção de conhecimentos individuais que levem a formação de pensamentos críticos do espaço geográfico, da Região do Nordeste e os migrantes da região para o Sudeste, tornando possível o que aponta Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) e Pontuschka (2015) como “maior participação dos sujeitos sociais da escola”.

Para atividades mais fechadas, dedicadas às turmas específicas, foi elaborada duas ações, em turmas e unidades escolares diferentes, com o objetivo de fazer com que os alunos e as alunas participassem, a fim de proporcionar um trabalho colaborativo e trazer a proposta do social escoteiro para dentro da escola.

A primeira atividade foi realizada no Centro Cultural Pedro II (Estrada do Pré) com a turma do 9º ano. Essa turma, em particular, o ensino foi feito de forma híbrida, com alguns alunos participando pela plataforma *Google Meet*, de forma simultânea aos que estavam na modalidade presencial. O desafio dessa atividade era proporcionar a participação dos alunos online no mesmo instante em que os alunos e alunas presenciais e conseguir atingir o objetivo inicial, que era contribuir para a fixação dos conteúdos e o trabalho em equipe (veja quadro 08).

Quadro 8: Atividade *Kahoot!*

Objetivos	Ações	Habilidades	Recursos
Identificar as características principais da Europa e Ásia.	Elaborar questionários interativos na plataforma <i>Kahoot!</i> , com perguntas sobre a Europa e Ásia.	Analisar transformações territoriais, considerando o movimento de fronteiras, tensões, conflitos e múltiplas regionalidades na Europa, na Ásia e na Oceania.	Plataforma <i>Kahoot!</i> Celulares com acesso à internet.

Fonte: Alvarenga, 2021.

Para a realização da atividade foi escolhida a plataforma de ensino *Kahoot!*. (Figura 16). Essa plataforma proporciona uma aula interativa por meio de jogos e testes colaborativos e seu uso pode ser feito por um navegador ou pelo aplicativo *Kahoot!*.

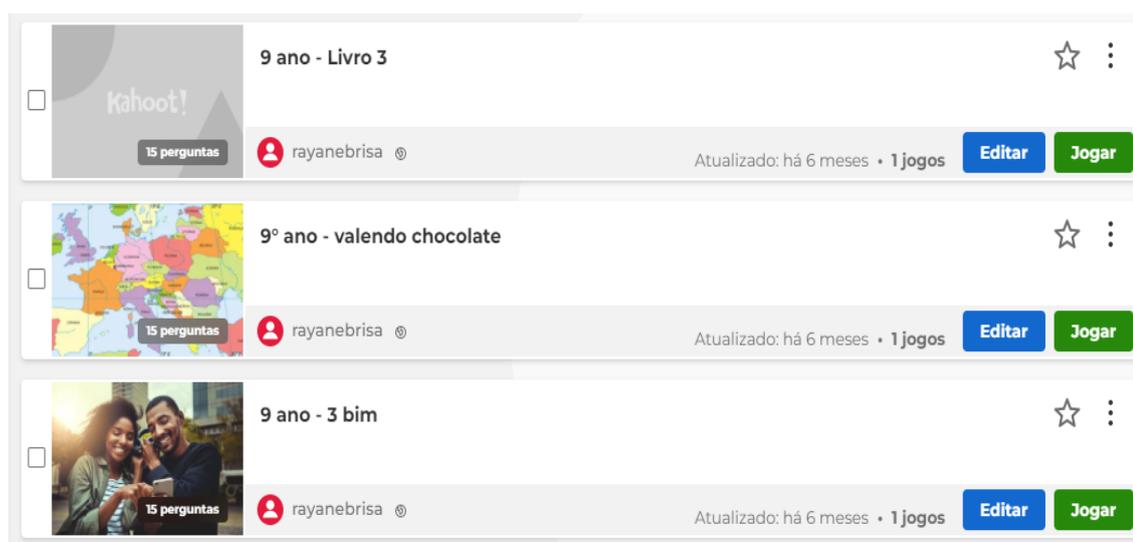


Figura 16. Página inicial da plataforma *Kahoot!*

Fonte: <https://create.kahoot.it/>

Para dar início a atividade, é necessário que os alunos acessem ao site, podendo ser individual ou em grupo por meio de um celular. Nesse caso, a proposta foi utilizar apenas um celular por grupo. Em seguida, foi disponibilizado a senha de acesso à sala, para evitar a entrada de terceiros na sala online.

A atividade consistia em responder questões, que eram expostas na lousa interativa instalada na sala, sobre Europa e Ásia no menor tempo possível, levando os alunos e alunas a perceberem as paisagens dos continentes e o que era verdadeiro ou falso sobre a geografia de seus países, tendo as respostas e discussões sobre as respostas ao final de cada pergunta. O uso

do *quiz* permitiu que os estudantes pudessem tirar dúvidas entre si e com a professora, para que as lacunas do processo de ensino-aprendizagem fossem preenchidas. (Figura 17).

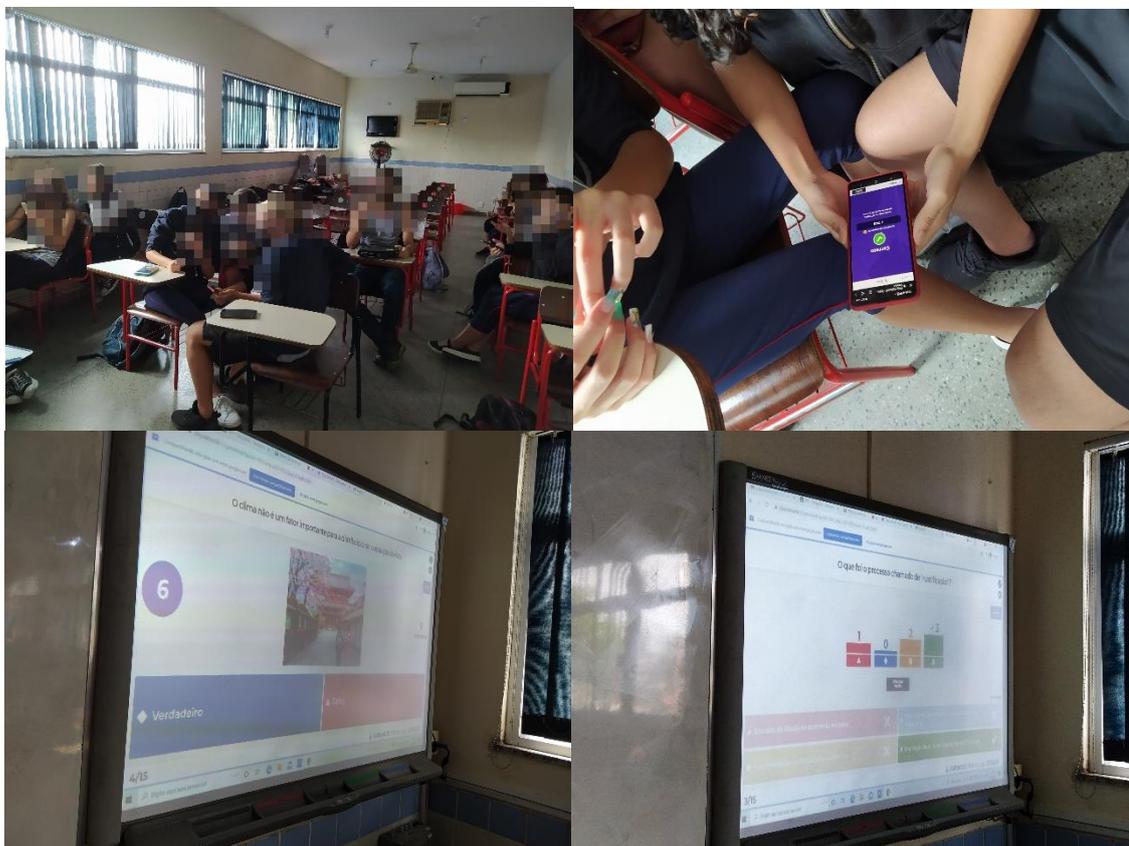


Figura 17. Imagens da aplicação do jogo interativo na plataforma *Kahoot!* com a turma no 9º ano.

Fonte: Alvarenga, 2021.

Como uma forma de atrair a atenção e participação de todos e todas durante a atividade, um prêmio foi proposto ao final de cada rodada. Entretanto, mesmo com todos ganhando os doces no final de cada rodada, foi percebido que os alunos se sentiram atraídos com a atividade, até mesmo com o fim dos chocolates. Com isso, foi possível concluir que é possível o uso de atividades híbridas, com o objetivo de atrair a participação dos alunos e alunas nas modalidades presencial e online.

Um detalhe que se faz necessário trazer para os estudos em questão foi a observação de que alguns alunos que estavam com notas abaixo da média da unidade escolar alcançaram notas acima do esperado por eles por lembrarem de momentos de discussão sobre as respostas durante a atividade, mostrando que o uso de plataformas educacionais adaptadas às atividades escolares podem ser uma grande ferramenta de ensino dentro da sala de aula.

Outra atividade foi realizada em outra unidade da rede de ensino (unidade Santíssimo) com a turma do 7º ano. Dessa vez, com 100% dos alunos e alunas na modalidade presencial, foi possível desenvolver uma atividade, respeitando o distanciamento e o uso de máscaras.

O jogo utilizado em questão foi “campo minado” (Figura 18 e quadro 9), já utilizado em atividades escoteiras pelos Lobinhos e Escoteiros. Adaptado do tradicional jogo de

computador, a proposta é separar em 3 equipes (ou de acordo com o quantitativo de estudantes) e cada equipe precisa passar pelo campo minado ileso, ou seja, sem pisar em nenhuma bomba. Caso seja escolhido uma área que tenha uma bomba, a equipe precisa responder a uma pergunta. Se acertar, desarmam a bomba do local. Caso não, precisam retornar ao início.



Figura 18: imagens da aplicação do jogo “campo minado” com a turma do 7º ano
Fonte: Alvarenga, 2021.

A proposta do jogo é novamente realizar um trabalho em equipe, onde os alunos e alunas que possuem um domínio maior sobre o conteúdo relacionado às regiões Sudeste e Centro-Oeste ajudem os que possuem dificuldades e, da mesma forma que ocorreu com o *Kahoot!*, as respostas e resoluções das perguntas eram feitas logo após a equipe responder às suas questões.

Quadro 9: Atividade campo minado

Objetivos	Ações	Habilidades	Recursos
Revisar os conteúdos do livro 3, referentes às regiões Sudeste e Centro-Oeste.	Elaborar um “mapa das bombas” e perguntas sobre as regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.	Analisar a influência e o papel das redes de transporte e comunicação na configuração do território brasileiro.	Mapa do tabuleiro; Perguntas sobre o tema do jogo.

Fonte: Alvarenga, 2021.

Como foi possível perceber, a presente pesquisa vê nos jogos escoteiros adaptados à nova realidade uma forma de complementar o processo de ensino realizado em sala de aula, sejam eles com a utilização de aplicativos educacionais ou de materiais que possibilitem a integração e, ao mesmo tempo, o distanciamento social imposto pela pandemia do coronavírus.

A aplicação dos jogos levou a uma compreensão mais estruturada dos conteúdos, visto que desenvolve habilidades como concentração e coletividade, apesar da individualidade que cada atividade impõe por meio de atividades lúdicas e que possibilitem a ação em conjunta dos alunos para o alcance dos objetivos almejados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta da presente pesquisa é mesclar novas possibilidades que promovam aprendizagens significativas, tanto para os educandos quanto para os educadores, tendo em vista novos contextos educacionais e ações que possam levar a resoluções de problemas relacionados ao ensino de geografia, principalmente no que tange o ensino e atuação do jovem no espaço geográfico.

Partindo da observação de que o Movimento Escoteiro tem em seus objetivos formar cidadãos atuantes em suas realidades, percebe-se que há mais da geografia do movimento do que o observado nas atividades. Buscar novas metodologias que possam funcionar como ferramentas no ensino de geografia não significa anular todas as propostas idealizadas até aqui. Mas, sim, trazer uma interdisciplinaridade entre o ensino formal da geografia e a não formalidade escoteira.

Buscando essa interdisciplinaridade propostas nos trabalhos de Pontuschka, a pesquisa buscou na bibliografia escoteira possibilidades interdisciplinares, capazes de trazer a experiência do espaço vivido como etapa fundamental no processo de ensino aprendizagem. Por meio da junção da pesquisa qualitativa com os estudos fenomenológicos foi possível analisar os diferentes grupos sociais envolvidos, a fim de trazer diferentes possibilidades de interpretação.

O interesse inicial de utilizar a prática escoteira como uma ferramenta de aprendizagem na geografia levou a realização de diferentes práticas, com possibilidades de abranger diferentes áreas de conhecimento.

Com a elaboração do estado da arte foi possível buscar pesquisar que relacionassem suas análises com a pesquisa e a conclusão de que os estudos que envolvem o ensino de geografia e o escotismo ainda são poucos se forem comparados com outras práticas de ensino.

A ausência de visitas presenciais aos grupos escoteiros levou a uma frágil observação da prática geográfica durante as reuniões semanais nas sedes escoteiras, fazendo com quem as observações fossem apenas por meio dos questionários aplicados via online.

Todavia, com o retorno das aulas presenciais e/ou híbridas na maioria das unidades de ensino do Centro Cultural Pedro II, foi possível a elaboração de atividades que respeitasse o distanciamento social exigido durante o período da pandemia.

A utilização de elementos tecnológicos tornou possível a participação dos jovens do ensino presencial e dos que estavam em sistema online, simultaneamente, tornando possível a continuidade do processo de ensino aprendizagem de forma semelhante. O uso da plataforma *Kahoot!* permitiu a prática docente com a tecnologia tão presente durante as aulas no ano de 2020, transformando celular como uma ferramenta de ensino e complementando e formalidade escolar da geografia.

Em relação das análises das atividades relacionadas às especialidades escoteiras de geografia e cartografia, foi possível perceber que tanto o movimento escoteiro como a geografia escolar possuem concepções espaciais capazes de levar o jovem a construir e se identificar parte do espaço em que vive, além de ligações com as diretrizes curriculares nacionais.

A pandemia do Coronavírus provocou, na juventude, impactos que estão sendo percebidos em um futuro próximo, principalmente em alunos de maior vulnerabilidade econômica e social. No dia a dia das aulas, é possível perceber as fragilidades das quais os alunos passam, sejam nos estudos ou na saúde mental. Por meio dos jogos, é possível perceber as fragilidades de cada aluno sem que eles percebam que estão sendo observados. E, assim, auxiliar nas lacunas que ficaram abertas com a ausência de acesso às aulas remotas no ano

anterior (2020). A preocupação com os desníveis educacionais dentro do mesmo ano de ensino devem conduzir as ações na aprendizagem, além de buscar o resgate ao interesse dos alunos em relação aos estudos, item este que, com a sua ausência, provocou uma grande defasagem no ensino.

Ainda em relação às especialidades escoteiras, foi por meio da análise das atividades relacionadas à especialidade de geografia que foi possível a elaboração de objetivos específicos para a realização do I Chá Literário do Centro Cultural Pedro II (Unidade Santíssimo). A atuação do movimento escoteiro em diversas áreas de conhecimento tornou possível a concretização da atividade e a ampliação de conhecimentos regionais partindo do conhecimento local.

A proposta e elaboração dos jogos alicerçou o objetivo inicial da pesquisa, no qual buscava ligações da prática escoteira e o ensino de geografia. A elaboração de um quadro com os objetos de conhecimentos do Documento Curricular do Estado do Rio de Janeiro permitiu a adaptação de jogos escoteiros ligados aos temas propostos pelo documento, afim de utilizar o jogo como uma ferramenta de ensino em sala de aula, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem.

A análise do Documento Curricular do Estado do Rio de Janeiro, juntamente com as observações feitas no Programa Educativo dos Escoteiros, permitiu propor e efetivar a prática de atividades lúdicas que fossem capazes de construir habilidades educativas e afetivas entre os jovens e o espaço escolar.

O distanciamento social existente e as poucas pesquisas que busquem unir a prática escoteira com a geografia trouxeram alguns empecilhos para o caminhar da pesquisa. Contudo, essa situação permite que novos caminhos possam ser percorridos, a fim de trazer novas problemáticas e conhecimentos para as práticas do ensino formal e não formal.

A pesquisa, apesar de todos os percalços ao longo do período de sua execução, possibilitou uma análise e uma aproximação entre os conhecimentos e as práticas do ensino formal do ensino de geografia e os conhecimentos do ensino não formal da geografia escoteira. Com isso, a pesquisa efetiva uma prática lúdica dos conhecimentos escoteiros em sala de aula como parte inerente do processo de ensino aprendizagem da geografia escolar.

REFERÊNCIAS

BADEN-POWELL, Robert. **Escotismo para rapazes**. Edição Escritório Nacional. 5ª reimpressão. Abril, 2017.

BARBOSA, Debora Rodrigues. **Zona Oeste Continental x Zona Oeste Oceânica**. Publicado em 29 jan 2021. Disponível em <https://oestecarioca-estudos.blogspot.com/2021/01/zona-oeste-continental-x-zona-oeste.html>. Acesso em 20 nov 2021.

BIESDORF, Rosane Kloh. **O papel da educação formal e não-formal: educação na escola e na sociedade**. Revista Itinerarius Reflectionis, vol. 1, nº 10, 2011

BRASIL. **Decreto n. 8.828 de Janeiro de 1946**. Dispõe sobre o reconhecimento da União dos Escoteiros do Brasil como instituição destinada a educação extra-escolar.

_____. **Lei nº 9394 de 29 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. In: Diário Oficial da União.

FÁVERO, Osmar. **Educação Não Formal: contextos, percursos e sujeitos**. Educação e Sociedade, Campinas, v.28, n.99, p. 614-617, maio/ago. 2007. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br> > Acesso em 02 de maio de 2021.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”**. Revista Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002. p. 257-272.

FERREIRA, Victor Ricardo Felix; SOARES, Márlon Hebert Flora Barbosa. **Visões sobre cientistas entre integrantes do Movimento Escoteiro: Discussões de ciência em espaços de educação não formal**. XVIII Encontro Nacional de Ensino de Química (XVIII ENEQ) Florianópolis, SC, Brasil – 25 a 28 de julho de 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não – formal e cultura política**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. 3ª edição, 1976.

LOPES, Arthur S; ALBUQUERQUE, Matheus N; CASTRO, Willian N. (Orgs.) **Geograficidades do Rio de Janeiro: Zona Oeste e Região Metropolitana**. Santa Maria: Arco Editores, 2022.

LUDWIG, A. C. W. **A pesquisa em educação**. Linhas, Florianópolis, v.4, n.2, p.251-268, jul./dez. 2003

JUNIOR, Astrogildo Fernandes da Silva; BORGES, Daniela Cristina. **A educação não formal e o Movimento Escoteiro: Um estudo sobre o Grupo Escoteiro Padre Anchieta, Ituiutaba, MG, Brasil**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG. Primeiro semestre, volume 1, nº 16, 2014.

MANCINI, Natália. **Espiritualidade, uma aliada do paciente**. Revista Abrale Online - Associação Brasileira de Linfoma e Leucemia. 13 de março de 2020. Disponível em < <https://revista.abrale.org.br/espiritualidade-e-cancer/> > Acesso em 29 de dezembro de 2021.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio)

MARQUES, Márcia Cristina Carnaz. **As práticas do ensino não formal em geografia: o movimento escoteiro em Barretos/SP**. Monografia de conclusão de curso – Geografia. Universidade de Brasília, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v.17 (3):621-626, 2012.

MUNHOZ, Gislaine; CASTELLAR, Sônia Venzella (org). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 223p, 2012.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3º ed., São Paulo: Cortez, 2009.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Interdisciplinaridade: Aproximações e Fazeres**. Terra Livre, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 100–124, 2015. Disponível em: < <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/376> > Acesso em 28 abril de 2022.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins e Fontes, 2001.

Rio de Janeiro. **Decreto-lei de 24 de janeiro de 1946**. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-8828-24-janeiro-1946-416600-publicacaooriginal-1-pe.html> >. Acesso 17 de novembro de 2020.

_____. **Documento de Orientação Curricular do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2019.

SABOTA, Heitor Silva. **O Movimento Escoteiro e as contribuições da educação não formal para o ensino de geografia e cartografia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiânia, 2014.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. **Educação formal e não – formal: Pontos e Contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Escotistas em ação – Ramo Escoteiro**. 166 p. Curitiba – PR, 2º ed., 2016.

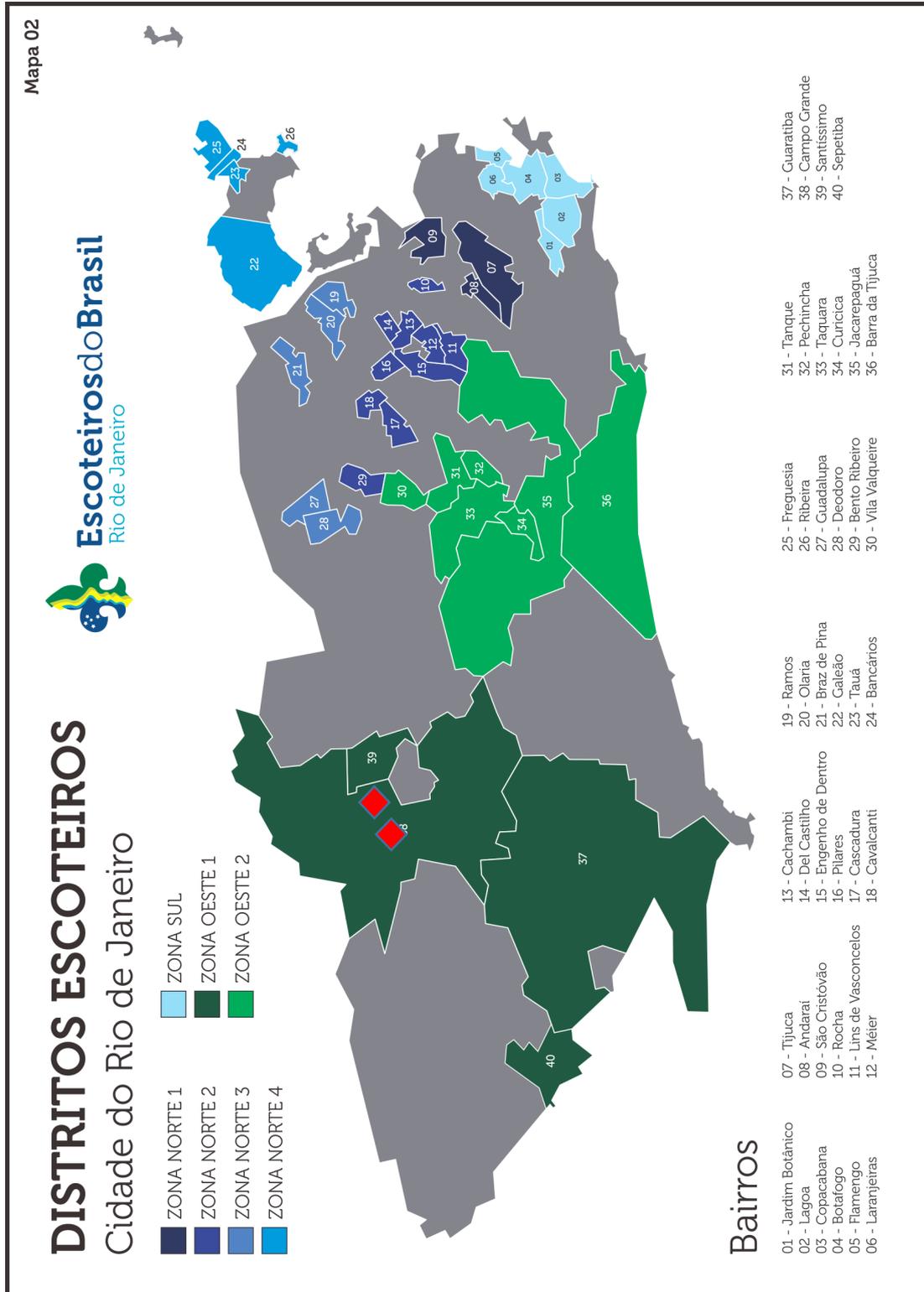
_____. **Especialidades**. Disponível em < <https://www.escoteiros.org.br/especialidades/> > Acesso em 06 de janeiro de 2021.

_____. **Guia de Especialidades**. 500 p. Curitiba – PR, 15º ed., abril, 2016.

_____. **P.O.R - Princípio, Organização e Regras.** 184p. Curitiba – PR, 10º ed., novembro de 2013.

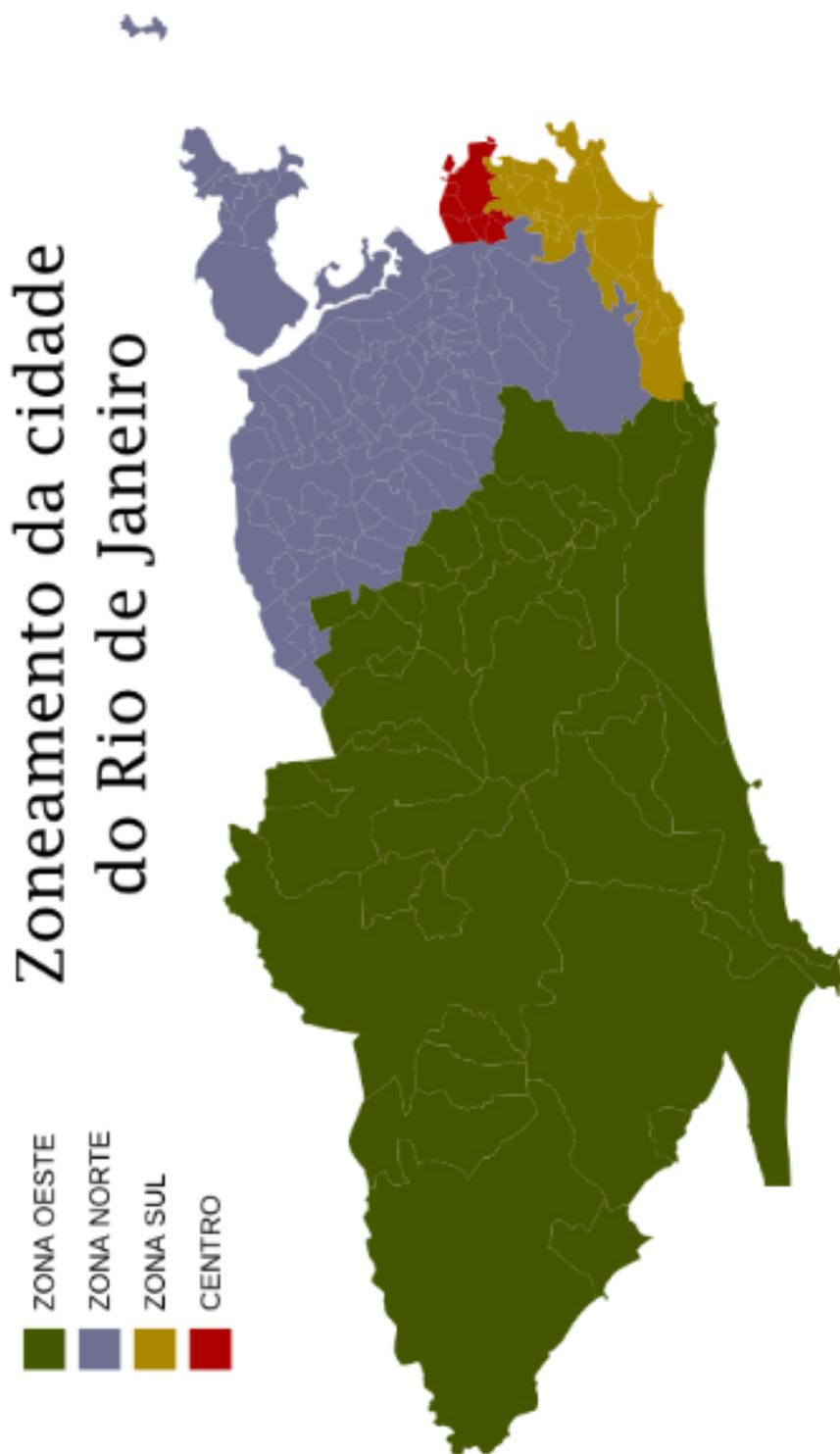
ANEXOS

Anexo A – Mapa da localização das unidades escolares da pesquisa nos dois Distritos Escoteiros da Cidade do Rio de Janeiro



◆ Unidades Escolares estudadas em Santíssimo e em Campo Grande. Org. Autora (2022)

Anexo B – Mapa do Zoneamento da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: <https://www.valeucara.com.br/2015/03/homenagem-ao-rio-450-anos-vetores-da.html>

Anexo C – Perguntas aplicadas aos chefes de Seção.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA



Perguntas aplicadas aos chefes de Seção pela pesquisadora Rayane Alvarenga. Questionário com o objetivo de chegar a algumas conclusões sobre o uso da Metodologia Escoteira como uma ferramenta no ensino de geografia e sua relação com o espaço geográfico - Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural Rio de Janeiro (PPGGEO - UFRRJ)

- Qual é o seu Grupo Escoteiro?
- Qual é a sua função no Grupo Escoteiro?
- Você atua na área da educação?
- Qual é a sua formação?
- Como procederam as atividades durante a quarentena?
- Você consegue observar alguma prática da geografia nas atividades de sua Seção?
- Em sua Seção, vocês trabalham a relação do jovem com o espaço em que ele vive?
- Algum jovem de seu Ramo já conquistou algum nível ou está em busca de conquistar a especialidade de Geografia?

Anexo D – Catálogo das pesquisas analisadas nas plataformas CAPES, BDTD e UEB.

Título	Autor	Tipo de trabalho	Diálogo com a pesquisa
Notas sobre a Educação formal, não-formal e informal	Rodrigo Heringer Costa	Artigo	Maior relevância
As práticas do ensino não formal em geografia	Márcia Cristina Carnaz Marques	Artigo	Maior relevância
Educação não formal/escotismo: A contribuição do Movimento Escoteiro para a formação do caráter do jovem	Márcia Oliveira de Lara	Monografia	Maior relevância
Aspectos do Projeto Político Pedagógico do movimento escoteiro e seus reflexos na educação ambiental	Camila Moreno de Lima	Artigo	Menor relevância
A educação em tempos de nacionalismo: as representações do escotismo em Laguna - SC (1917-1960)	Luiz de Souza S. Sanson	Monografia	Menor relevância
Aplicação dos princípios metodológicos do escotismo na educação formal e	Juliana Scarpate Cavalcante/Sylvia Helena Lessa Dias	Monografia	Maior relevância

seus reflexos na aprendizagem			
Educação não formal tendo como exemplo de modelo pedagógico o método escoteiro	Ana Paula Costa Pereira	Artigo	Maior relevância
Movimento Escoteiro do Brasil: Grupo Escoteiro Continente/SC, possibilidade pedagógica de educação não formal	Sandra de Paula Sena Kovacs	Monografia	Maior relevância
Jogos; Ar livre; Escotismo; Psicopedagogo; Atividades escolares; Deficiência mental.	Luiz Severino Neto	Monografia	Maior relevância
Movimento Escoteiro: Projeto educativo extracurricular	Nilson Thomé	Artigo	Menor relevância
Movimento Escoteiro: A vida de Baden-Powell e o nascimento do escotismo (1907-1908)	José Ricardo Cabidelli Oliveira	Monografia	Menor relevância
O Movimento Escoteiro como método de Educação não formal para a	Victor Ricardo Felix Ferreira; Thiago Cardoso de Deus; Márlon	Artigo	Maior relevância

discussão de conceitos químicos	Hebert Flor Barbosa Soares		
O método escoteiro a serviço do ensino de engenharia: uma proposta transdisciplinar	Ricardo Aurélio Roverso Abrão	Monografia	Menor relevância
Protagonismo juvenil e Movimento Escoteiro – História e panorama contemporâneo	Mariana de Marchi Oliveira	Artigo	Menor relevância
Visões sobre cientistas entre integrantes do Movimento Escoteiro: discussões de ciência em espaços de educação não formal	Victor Ricardo Felix Ferreira; Márlon Hebert Flora Barbosa Soares	Artigo	Maior relevância
Pesquisa-Ação e educação: Compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas	Renata Ferraz de Toledo; Pedro Roberto Jacobi	Artigo	Maior relevância
A escola pública no Estado do Rio de Janeiro frente ao currículo mínimo de	Clézio dos Santos	Artigo	Maior relevância

geografia: A necessidade de novas práticas pedagógicas			
Implementação de um currículo mínimo de geografia para as escolas estaduais do Rio de Janeiro	Saulo Cezar Guimarães Farias	Artigo	Maior relevância
A educação não formal e o Movimento Escoteiro: Um estudo sobre o Grupo Escoteiro Padre Anchieta, Ituiutaba, MG, Brasil	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior; Daniela Cristina Borges	Artigo	Maior relevância
“Uma vez escoteiro, sempre escoteiro”: Marcas da educação escoteira em Sergipe (1958- 2009)	Ricardo Rocha Rabelo	Dissertação	Menor relevância
Pedagogia e educação não escolar no Brasil: crítica epistemológica, formativa e profissional	José Leonardo Rolim de Lima Severo	Tese	Maior relevância
O Movimento Escoteiro e as contribuições da educação não formal para o	Heitor Silva Sabota	Dissertação	Maior relevância

**ensino de
geografia e
cartografia**
